

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE ARTES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM

LETRAS / ESPANHOL E LITERATURAS

INSTRUMENTAÇÃO PARA ACESSO A INFORMAÇÃO DE LETRAS – ESPANHOL

4^o semestre



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Ministro do Estado da Educação Fernando Haddad
Secretária da Educação Superior Maria Paula Dallari Bucci
Secretário da Educação a Distância Carlos Eduardo Bielschowsky

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Clóvis Silva Lima
Vice-Reitor Felipe Martins Muller
Chefe de Gabinete do Reitor João Manoel Espina Rossés
Pró-Reitor de Administração André Luis Kieling Ries
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis José Francisco Silva Dias
Pró-Reitor de Extensão João Rodolfo Amaral Flores
Pró-Reitor de Graduação Jorge Luiz da Cunha
Pró-Reitor de Planejamento Charles Jacques Prade
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa Helio Leães Hey
Pró-Reitor de Recursos Humanos João Pillar Pacheco de Campos
Diretor do CPD Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação a Distância

Coordenadora de EaD Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Vice-Coordenadora de EaD Roseclea Duarte Medina
Coordenador de Pólos Roberto Cassol
Gestão Financeira José Orion Martins Ribeiro

Centro de Artes e Letras

Diretor do Centro de Artes e Letras Edemur Casanova
Coordenadora do Curso de Letras / Espanhol e Literaturas Maria Tereza Marchesan

Elaboração do Conteúdo

Professora pesquisadora/conteudista Karla Marques da Rocha

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Coordenador da Equipe Multidisciplinar

Carlos Gustavo Matins Hoelzel
Cleuza Maria Maximino Carvalho Alonso
Rosiclei Aparecida Cavichioli Laudermann
Sílvia Helena Lovato do Nascimento
Volnei Antônio Matté
Ronaldo Glufke
André Krusser Dalmazzo
Edgardo Gustavo Fernández

Desenvolvimento da Plataforma

Marcos Vinícius Bittencourt de Souza

Gestão Administrativa

Ligia Motta Reis

Gestão do Design

Diana Cervo Cassol

Designer

Evandro Bertol

ETIC - Bolsistas e Colaboradores

Orientação Pedagógica

Elias Bortolotto
Fabrício Viero de Araujo
Gilse A. Morgental Falkembach
Leila Maria Araújo Santos

Revisão Textual

Daniele Vieira Bauermann

Ilustração

Cauã Ferreira da Silva
Evandro Bertol
Júlia Rodrigues Fabrício
Mariana Rotilli dos Santos
Natália de Souza Brondani

Diagramação

Criscia Raddatz Bolzan
Gabriel Barbieri
Leonardo Moreira Fabrin
Luiza Kessler Gama
Naieni Ferraz
Victor Schmitt Raymundo

Suporte Técnico

Adílson Heck
Ândrei Componogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

unidade 1

MEDIADORES DE LEITURA	5
Ementa	5
Objetivo geral	5
Objetivos específicos	5
1. Leitura	8
Referências - primeira semana	13
1.2. Leitura, mediação e mediadores	14
Referências - segunda semana	24

unidade 2

BIBLIOTECA E AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	25
Ementa	25
Objetivo geral	25
Objetivos específicos	25
2. Uma breve história sobre as bibliotecas.....	26
2.1 Lugar e tempo: novos conceitos.....	28
2.2 Tipos de documentos em bibliotecas e nos ambientes real e virtual.....	30
Referências - terceira semana	34
2.3 Pesquisa em fontes bibliográficas e eletrônicas	35
Referências - quarta semana	40

unidade 3

PESQUISA ESCOLAR	41
Ementa	41
Objetivo geral	41
Objetivos específicos	41
3. Seleção, organização e elaboração das informações para a realização da pesquisa escolar ...	45
3.1 Projeto de pesquisa	45
Referências - quinta semana	50
Referências - sexta semana	57
Referências - sétima semana.....	68
3.2 Normatização do texto e da pesquisa	69
3.3 Socialização da pesquisa escolar	71
3.4 A pesquisa escolar e os direitos autorais: ética na pesquisa; cópias e direitos autorais.....	72
Referências - oitava semana	74

unidade 1

MEDIADORES DE LEITURA

EMENTA

Reflexão sobre os mediadores da leitura, enfocando os conceitos de leitura, mediação, mediadores e métodos e técnicas de como aproveitar melhor a leitura no ato de estudar.

OBJETIVO GERAL

A primeira unidade está estruturada nas características da disciplina de Instrumentalização para Acesso à Informação, enfocando questões norteadoras tais como: a importância da leitura, dicas para seu melhor aproveitamento, bem como sugestões práticas para efetivar a qualidade nas leituras e assim, a atingir a eficiência nos estudos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conduzir o estudante a refletir sobre os seus procedimentos diante da leitura, no sentido de formular questionamentos;
- Capacitar o aluno a organizar sua própria metodologia de leitura, objetivando um melhor aproveitamento;
- Proporcionar atividade práticas que viabilizem a análise, a organização e a categorização da informação.

PRIMEIRA SEMANA DE AULA

A primeira semana propõe reconhecer os objetivos da disciplina de Instrumentalização para Acesso à Informação, abordando a leitura como mediadora do aprendizado.

META:

- Auxiliar o aluno a construir uma postura de pesquisador/experimentador;
- Aprender a ler o mundo, antes de ler a palavra;
- Perceber a relação do texto com o contexto;
- Construir atitudes de pesquisador ao aprender a aprender.

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Pesquisador e Experimentador

Nenhum método científico é o único a poder dar acesso ao conhecimento! Devemos proceder com as coisas por tentativas, sejamos ora bons, ora maus, em relação a elas, agindo cada uma delas, por sua vez, com justiça, paixão e seriedade. Um se envolve com as coisas como policial, outro como confessor, um terceiro como viajante e como curioso. Poder-se-á chegar a arrancar uma parcela delas, seja pela simpatia, seja pela determinação; um é impelido para frente, impelido a ver claro pela veneração que lhe inspiram seus segredos, outro, pelo contrário, pela indiscrição e pela malícia na interpretação dos mistérios. Nós, pesquisadores, como todos os conquistadores, todos os navegadores, todos os aventureiros, somos de uma moralidade audaciosa e devemos estar preparados para passar, no fim de tudo, por curiosos (Nietzsche, 2003, p.56).

Iniciamos nossos estudos com um texto do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche “*Pesquisador e experimentador*”. O texto enfoca que não existe um método científico único, em função disso devemos ir experimentando a melhor forma de investigar, de pesquisar, conforme nossos objetivos e maneira de ser. O texto nos acompanhará durante estas semanas de estudos, norteando a construção do nosso conhecimento. Em alguns momentos, servirá de estímulo à reflexão, em outros servirá como ilustração ao conteúdo das semanas.

Assim, a partir dessa citação, podemos perceber a semelhança do texto com os objetivos da nossa disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação, visto que nossa meta é aprendermos como e onde encontrar a resposta para um problema, seja ela no grupo no qual estamos inserido (escola, família, amigos), seja na cultura sistematizada (livros, manuais, mapas, Internet).

Essa construção do Conhecimento a qual estamos nos disponibilizando a fazer é uma prática social inerente – e permanente, pois ela se faz no estabelecimento das relações, no conviver, onde o trabalho é uma decorrência e não um fim. Então, aquilo que cha-

mos de conhecimento é o produto advindo do processo sistemático do conhecer e inclui, além do produto advindo do processo, a capacidade do organismo observar e de fazer referências, de forma recursiva e recorrente, à própria história do processo. O que permite pensar na construção do conhecimento como prática disciplinar.

Começo assim, a justificar a necessidade e a importância da Instrumentalização para Acesso à Informação, já que nos meios atuais de interação, observamos sistematicamente a perspectiva de compreender como as coisas realmente funcionam, de ajudar a revelar mistérios profundos, de explorar novos mundos – talvez até literalmente. Então, divulgar a ciência – tentar tornar os seus métodos e descobertas acessíveis aos que não são cientistas – é o passo que se segue natural e imediatamente. Deste modo, podemos pensar que a pesquisa, com suas investigações, inquietações, descobertas, é mais do que um campo de conhecimento, é um modo de pensar e agir.

O modo científico de pensar é ao mesmo tempo imaginativo e disciplinado. Isso é fundamental para seu sucesso. A ciência nos convida a acolher os fatos, mesmo quando eles não se ajustam às nossas (pré) concepções. Guardamos hipótese, alternativas nas nossas mentes para ver qual se adapta melhor a realidade. Novas idéias se expandem, representações sociais se constituem, metodologias emergem e, assim, aprendemos a ler e a pensar o espaço, conseguindo identificar as diferentes paisagens. Desta forma, nos percebemos como participantes do espaço que ocupamos e que estudamos e, para isso, é preciso aprender a olhar, observar, registrar, analisar e descrever os fatos.

Muitos estudantes que desejam cursar uma faculdade específica geralmente chegam aos bancos escolares esperando ter, de imediato, o conhecimento sobre as disciplinas que consideram pertinentes e necessárias para sua futura prática profissional. Esta expectativa, com relação à disciplina de Instrumentalização para Acesso à Informação, aos poucos vai se constituindo numa mudança de postura do aluno frente a informação, ou seja passamos de uma posição de objeto para a de sujeito do próprio conhecimento. Como nos fala Maturana (2002), "se viver é conhecer, seguir vivendo implica aprender. Dito de outra forma: vivendo e aprendendo, aprendendo e vivendo. E, assim, como também nos fala Nietzsche, vamos experimentando maneiras de sermos pesquisadores.

Viva com o poder da pergunta e ame a imaginação!!!

1. LEITURA

Segundo o dicionário Houaiss (2001), ler é percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as, interpretando-as. Este conceito nos permite pensar que a leitura não ocorre somente através das palavras, mas de situações, de paisagens, imagens, descrições, através do conversar. Então, quando penso em falar sobre “o ato de ler”, de “aprender a ler”, penso que devemos considerar, antes de tudo, a leitura do mundo, pois aprendemos a ler, aprendendo a ler o mundo, e escrever, aprendendo a escrever o mundo (CALLAI, 2005). E, ainda podemos dizer que a compreensão do mundo se faz a partir da leitura do lugar, já que para aprender a pensar o espaço é preciso aprender a ler as diferentes paisagens (imagens). Para isso, salienta-se que é preciso aprender a olhar, observar, registrar, analisar e descrever o espaço produzido pelo homem, ou seja, modificado por nós mesmos. Nossa existência, nossa identidade se dá no espaço. E, a busca da informação possibilita este “olhar” do mundo, seu conhecimento, sua decodificação.

Ocorre-nos uma frase Maturana (2002) ao dizer que Conversar, vem da união de duas raízes latinas: *cum*, que quer dizer “com”, e *versa-re* que quer dizer “dar voltas com” o outro. Então, ao conversarmos “damos voltas juntos”, ou seja, entramos em um consenso recursivo de informações que pode ser estabelecido em diferentes espaços educativos de convivência, como por exemplo, um ambiente virtual de aprendizagem. Não há “comunicação nem relações sociais sem consensos, sem conversa, sem dar voltas em conjunto.

Mas como fazer isso?

Uma prática tradicional na escola fundamental, adotada nas aulas, é o estudo do meio, ou seja, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1991). Desta maneira podemos dizer que a palavra dita flui do mundo, mesmo através da leitura que dele fazemos. É por essa razão que a escola toma como referência o próprio sujeito, estudando a criança particularmente, a sua vida, a sua família, a escola, a rua, o bairro, a cidade, e assim, vai sucessivamente ampliando o conteúdo a ser trabalhado. “ Por isso que a leitura de um texto, tomada como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala” (FREIRE, 1989).

Cabe dizer que em um mundo no qual a informação é veloz e atinge a todos, em todos os lugares, no mesmo instante, “não se pode fechar as possibilidades em uma leitura a partir de espaços não conhecidos” (CALLAI, 2005), pois com a velocidade da informação, deve-se considerar que a distância não mais impede ou retarda o acesso à informação.

Então, neste caminho em que tudo leva a aprender a ler e escrever os diferentes espaços, o essencial é que o conteúdo seja o mundo da vida dos sujeitos envolvidos, reconhecendo a história de cada um e a história do grupo. Assim, retomamos a nossa idéia de que lemos o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer esta leitura.

Desde que nascemos, os nossos contatos com o mundo, seja por intermédio da mãe, seja pelo nosso próprio esforço, buscam a leitura do espaço. Um espaço que vai se ampliando, tornando-se cheio de desafios e obstáculos, e que, para ser conquistado, precisa ser conhecido e compreendido.

Do ponto de vista da investigação, esta é a perspectiva para se compreender o mundo: observando, reconhecendo o que existe, comparando os fatos, lendo não apenas a palavra escrita, mas a subjetividade que estrutura os meios de informação e de comunicação. O professor deve perceber que tais vivências constituem já um conteúdo, uma linguagem, uma "leitura" e a forma como se dão tais vivências assume outro significado.

Assim, o conceito de leitura pode ser trabalhado no nível exploratório, identificando algumas referências do espaço vivido, a fim de que o aluno possa ser auxiliado a compreender algo mais do que a mera decodificação de símbolos. Desta forma perguntas orientadas de uma observação, constituem um importante recurso: Como você entendeu esse texto? Como interpretou tal acontecimento? O que existe nessa leitura que pode ser relacionado com sua vida?

Se antes a leitura era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a leitura como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. Agora já não é mais possível texto sem contexto (FREIRE, 1989).

Os fenômenos acontecem no mundo, mas são localizados temporal e territorialmente em um determinado "local" Isto quer dizer que fenômenos que acontecem em certos lugares e em determinados períodos têm influência em outros lugares e em outros períodos, inclusive (CALLAI, 2005).

Assim, o professor deve auxiliar os alunos a construir seu próprio conhecimento, um caminho que ele possa elaborar e reelaborar as suas ideias, confrontando o que já sabe com informações novas, ou seja, dando sentido ao conteúdo ensinado, de maneira articulada.

A partir do Quadro 01 procuramos fazer um paralelo entre um "bom leitor" e um leitor com dificuldades de estabelecer relações entre o texto e o contexto.

"BOM LEITOR"	"MAU LEITOR"
Objetivo determinado	Sem finalidade
Unidade de pensamento	Palavra por palavra
Vários padrões de velocidade	Um só ritmo de leitura
Avalia o que lê	Acredita em tudo o que lê
Possui bom vocabulário	Vocabulário limitado
Conhece o valor do livro	Não tem critério de valor
Sabe quando deve parar a leitura	Não sabe onde interromper
Discute o que lê com colegas	Não discute o que leu
Adquire livros pessoais	Não possui biblioteca
Lê assuntos variados	Lê sempre o mesmo tema
O bom leitor não é só bom ao ler	É sempre "silencioso"

Quadro 01: comparação entre tipos de leitores

A partir do Quadro 01, observamos as habilidades e competências que podem nos auxiliar para a prática da leitura, desde a análise do texto até as possíveis comparações para explicar a relação do que é lido com o que é pensado, num vai e vem contínuo de um para outro, passa-se a construir uma compreensão crítica. É este processo de construção do conhecimento, no qual está embutida a construção do conceito de pesquisador/ experimentador, que precisamos desenvolver. Então, leitura é um processo no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los.

O ato de compreender emerge das atitudes do leitor diante do texto, do próprio conteúdo, portanto, não é suficiente apenas decodificar as representações indiciadas por sinais ou signos. Há um posicionamento do leitor diante do texto: o leitor transforma-o e transforma-se. Quando se lê um texto traz-se à mente algum conhecimento anteriormente percebido, vai-se somando com o atual e ampliando o esforço intelectual. Nesta concepção, leitura é aprendizagem. Portanto, o "aprimoramento da capacidade de ler também redundará na capacidade de aprender como um todo" (NEVES, 2006, p24). A leitura passa a ser uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas, na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita. Segundo o autor, "*ler é antes de tudo, compreender*".

Assim, **aprender a ler** significa **aprender a ler o mundo – dar sentido a ele**. Para isso é preciso **apreendê-lo**, isto é **compreendê-lo**. O ato de ler tem a conotação de **apreender, compreender, interpretar**. O ato de ler pressupõe capacidade de exteriorizar, falar e escrever com reelaboração própria; pressupõe capacidade de análise, síntese e posicionamento crítico, percebendo as entrelinhas e as ideologias contidas nos textos e contextos lidos. Abrange

uma cadeia de significados apreendidos pelo leitor, dentro de um contexto e no decorrer de sua história de vida.

Por ser uma atividade interativa, a leitura não é um ato mecânico, como também não é um ato solitário. Neves (2006) afirma que leitura é **interação verbal** entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; entre os dois: enunciação e diálogo.

O leitor que **aprende a aprender** é aquele que, primeiro domina uma técnica de leitura. Tem diante do texto uma posição de aprendizagem e de pesquisador. Adquire uma postura de analista, crítico, teórico e filósofo. Quando se trata da leitura, na metodologia do “aprender a aprender”, KLEIMAN E SIGNORINI (2000), afirma que a aprendizagem é construída na interação de sujeitos cooperativos, que têm objetivos comuns. Assim, dominar a leitura conduz o aluno a uma atitude ativa, dinâmica e crítica em relação ao conhecimento.

Segundo os mesmos autores, fica também delineado o perfil do leitor que **aprende a aprender** e que se identifica com o do leitor crítico, aquele que tem como características básicas:

- a. é **interativo** – desvenda, processa elementos obtidos no texto; age sobre e “faz funcionar” o texto;
- b. é **cooperativo** – constrói a partir do universo textual novos textos e novos significados;
- c. é **dialógico** – combina vários saberes, atribui sentidos, “conversa” com o texto, faz referências, mobiliza conhecimentos, cria e recria os textos e os conhecimentos; é aquele que emerge num processo de questionamento contínuo, elaborando e reelaborando conceitos e significados;
- d. é aquele que **se define como aprendiz permanente e pesquisador**;
- e. é aquele que **evoca leituras** de outros textos e contextos;
- f. é **produtivo** – institui-se no texto, atribui sentidos, “forma” e “conforma” o texto;
- g. **é aquele que é leitor** – domina a capacidade de ler, de aprender, de compreender e de interpretar; é sujeito ativo e consciente do processo de ler.

Oh! Bendito o que semeia livros...

livros à mão cheia...

E manda o povo pensar!

O livro caindo n’alma é gérmen –
que faz a palma.

É chuva que faz o mar.

CASTRO ALVES

Cabe ressaltar que por detrás das palavras escritas estão os pensamentos do autor que, caso os tenha criado, vive neles. E se estes pensamentos têm a virtude de orientar o leitor, ajudando-o a compreender melhor a própria vida, então o escritor que vive em sua obra é credor de nosso reconhecimento. E, portanto o escritor não existe sem o leitor (NEVES, 2006). E o primeiro leitor é ele próprio. Escreve para si mesmo, para entender-se, para chegar a compreender o mundo. Entender é enxergar com a inteligência. Compreender é sentir e viver o que a inteligência vislumbrou, enxergou, entendeu. A compreensão é um exercício vivencial, mental e sentimental.

Agora você é o leitor, pesquisador e experimentador!

Pense que você foi convidado para escrever um relato sobre uma experiência vivenciada. Escreva no espaço abaixo ou em seu caderno de registros, como você observou um fato de sua vivência. Primeiro, você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que nos impede de enxergar o verdadeiro mundo. Por exemplo, quando você vai tomar banho de mar, quando põe a máscara para observar os peixes, você não mergulha para mudar as coisas nem para melhorá-las ou corrigi-las, mas, ao contrário, para admirá-las. Talvez esse exemplo não lhe diga nada, mas estou certa de que você pode ter em mente muitos outros, de acordo com seus gostos e tendências: pode ser um passeio no campo, um sol poente, um estado amoroso, um sentimento calmo e, contudo, alegre, por causa de uma coisa boa realizada, a serenidade que pode às vezes acompanhar um momento de criação, pouco importa. O importante é observar uma situação do seu contexto e tentar escrever, de forma simples, as observações realizadas. Ou seja, procure descrever uma situação que você observou ou vivenciou nestes últimos dias.

Essa provocação inicial tem o objetivo de convidá-la/o a refletir sobre sua própria observação. Sua leitura do mundo a partir da leitura do lugar, da situação enfocada. Neste contexto, por que você acha que existe o ensino da Instrumentalização para Acesso a Informação no currículo do Curso de Espanhol/Literaturas EAD? Qual tem sido o papel do ensino dessa disciplina na formação dos meus alunos? E qual o papel do professor ao buscar a informação?

 SAIBA MAIS

Video: Assista o vídeo sobre a Arte de Escrever, de Gabriel Perissé

<http://www.youtube.com/watch?v=azW3uCAgm2o>

Como Escrever Melhor. Palestrante: Celina Fernandez

<http://www.youtube.com/watch?v=OVGoWU3fOtw>

REFERÊNCIAS - PRIMEIRA SEMANA

CALLAI, Helena C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Unijuí, Ijuí, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 43. ed. 2005. p. 71-81.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Angela B. ; SIGNORINI, Inês. **Concepções de Escrita e Alfabetização de Jovens e Adultos**. Pátio : Revista Pedagógica, Porto Alegre: V. 4, N. 14, P. 54-56, Ago./Out., 2000.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NEVES, I.C.B. **Ler e Escrever: um compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecco Homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2003

SEGUNDA SEMANA DE AULA

Seguindo a unidade já iniciada, em que nosso objetivo é estudar os mediadores de leitura, abordaremos a importância e as estratégias da leitura no ato de estudar.

META:

- Compreender o conceito de mediadores da leitura, bem como seus componentes;
- Conhecer, interpretar, o significado do ato de estudar e a leitura;
- Desenvolver competências e habilidades, visando o melhor aproveitamento da leitura e do aprendizado.

1.2. LEITURA, MEDIAÇÃO E MEDIADORES

O termo mediador deriva do latim *mediatore*, e significa aquele que medeia ou intervém. Em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto e que facilita esta relação.

De acordo com Bertolin (2001), podemos considerar como mediadores de leitura os familiares, os professores, os bibliotecários, os editores, os críticos literários, os redatores, os livreiros e até os amigos que nos emprestam um livro. Porém, os mediadores que mais se destacam são os familiares, os professores, bibliotecários e meios digitais; portanto, é sobre eles que iremos tecer algumas considerações.

Os familiares deveriam ser os primeiros mediadores de leitura, pois são os primeiros a estabelecer o elo entre a criança e o mundo; mas, em geral, os pais e demais membros da família, não têm a dimensão da influência que podem exercer sobre as crianças no sentido de motivá-las à leitura (BERTOLIN, 2001). E, também, infelizmente, nem sempre as condições econômicas do brasileiro permitem a ele a inclusão do livro no orçamento familiar, resultando que a maioria passa toda uma vida sem nunca ter comprado sequer um livro. Recentemente, li uma crônica na Zero Hora, em que o autor deixava claro que quem não lê não são os filhos, são os pais!

E assim, como a família nem sempre tem condições (econômicas e culturais) de cumprir a tarefa de mediadora da leitura, as escolas, de maneira precária ou de forma enriquecida, tentam fazer esta mediação. Portanto, o professor é encarregado de aproximar o educando da leitura; e é fundamental que ele faça esta mediação, mostrando o texto de maneira prazerosa e não como instrumento de avaliação e tarefa (SILVA, 1987). Para que assim, o leitor, além de se 'cumpliciar' com o autor e as personagens, tenha no professor também um cúmplice; isto é, se o professor estiver disposto a compartilhar com ele a leitura/as leituras.

Figura 01: Mediadores de leitura

Fonte: Blog Casa de Ensaio (Acesso em 21 de jul. de 2009).

Para visualizá-la acesse o link:

http://www.prazeremler.org.br/prazeremler/html/content/parceiros/img/img_conceitual.jpg

Da mesma forma, esperamos que isto também ocorra com o bibliotecário. Sobre esse profissional, Silva (1987, p.5), comenta que: “[...] percebo como impossível uma revolução qualitativa na área da leitura sem a participação e sem o compromisso dos bibliotecários para com os processos de mudança e transformação.” Possivelmente esta responsabilidade atribuída ao bibliotecário deve-se ao fato do mesmo se encontrar em uma situação privilegiada em relação aos demais mediadores citados, pois mesmo tendo um acervo de pequena quantidade, uma biblioteca pode possibilitar uma diversificação de leitura (BERTOLIN, 2001). Outra prerrogativa que pode ser considerada positiva na atuação do bibliotecário, é que ele, diferentemente do professor, não está atrelado a currículos e avaliações; portanto, tem maior liberdade para propor leituras, dialogar espontaneamente com o leitor, sem que o mesmo se sinta pressionado.

Independentemente de quem seja o mediador, vale salientar que a ele compete “[...] criar soluções próprias ou adaptar experiências alheias, consciente de que o leitor tem uma porta diante de si, em direção à leitura e ao conhecimento” (BARROS, 1995, p.58). Tanta responsabilidade deve ser interpretada pelos mediadores como um desafio constante, pois o papel que eles desempenham na motivação de leitura pode interferir com maior ou menor profundidade na formação dos leitores de uma coletividade. Esperamos ainda, que os mediadores de leitura facultem aos leitores uma pluralidade de experiências, para que eles percebam a leitura não apenas como aprendizagem escolar, mas como elemento de lazer e satisfação.

1.2.1 O ato de estudar e a importância da leitura

Já realizamos uma reflexão em torno da leitura e de seus mediadores, agora, nosso desafio é pensar sobre a importância da leitura no ato de estudar.

Conforme expomos no texto introdutório, a experiência do pesquisador tem início quando o aluno decide ser o sujeito da aprendizagem, o que nos faz lembrar as palavras de Freire (1989) quando diz que “estudar é um trabalho difícil. Exige, de quem o faz, uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a” (p.9). Isto implica numa reflexão sobre o próprio ato de estudar que se vai solidificando na medida em que se vai estudando, ou dito de outra forma: na medida em que conseguimos atribuir sentido ao conteúdo lido.

A expressão “ato de estudar” significa aquilo que se faz para estudar (JOHANN, 2002). O ato realizado não existe por si só, pois a cada momento novas circunstâncias se oferecem para sua concretização. Portanto, ele só existe na medida em que o exercício do ato é renovado e multiplicado.

Tomando como base nossas idéias iniciais, podemos dizer que estudar não significa simplesmente “sentar” em bancos escolares e ouvir o que os professores transmitem para repetir, posteriormente, tal e qual. Esta é uma visão retratada de um sujeito passivo. Estudar, pelo contrário, é um ato que envolve dinamismo e atitude frente ao mundo, compreendido nesta visão como ação, ação transformadora, e construtora de uma nova realidade. Então, estudar é ação pela qual cada estudante enfrenta a realidade do mundo buscando compreendê-lo e explicá-lo.

Estudar significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos mais importantes dos secundários e, optando pelos mais representativos e sugestivos, utilizá-los como fonte de novas idéias e do saber, através dos processos de busca, assimilação, retenção, crítica, verificação e integração do conhecimento (LUCKESI, 1991).

A partir de constatações na prática pedagógica, percebemos que muitas vezes o estudante chega às universidades sem realmente compreender a importância do Estudo, e implicitamente o desconhecimento de estratégias que o auxiliam para um melhor aproveitamento da leitura. Você já parou para pensar nisso?

Para o estudante é importante que ele aprenda a fazer uma leitura exploratória, uma leitura analítica, leitura interpretativa e uma leitura de problematização. Aprender a ler é saber extrair do texto e do contexto, numa posição crítica, novas idéias, criando ou (re) criando o mundo da palavra – texto – e a leitura do mundo – contexto, caracterizado pela vivência e experiências do mundo vivido.

Então, qual a relação entre ler e estudar? Que tipo de leitura nossos estudantes realizam sobre os textos propostos pelos seus professores? Para que serve o texto? E, de acordo com o que abordamos anteriormente, para que serve a leitura?

Neste cenário, entendemos que a leitura constitui a mola mestra do ato de estudar, já que a leitura de estudo não pode prender-se unicamente ao texto escrito. Antes de tudo, o leitor-estudante deve ter consciência de que todo o texto reflete determinado contexto que, via de regra, é bem mais complexo do que o texto impresso. Neste sentido, a leitura não é um ato isolado e momentâneo. Pelo contrário, deve ser encarada como o caminho a ser percorrido pelo leitor na busca de descobrir e articular sua realidade existencial com os significados impressos pela palavra, uma vez que todo o texto escrito originou-se do mundo vivenciado pelo

seu autor (JOHANN, 2002). O autor estruturou o texto, a partir do modo como ele percebeu o seu mundo (contexto) e a partir das influências que dele sofreu e das experiências que nele realizou e viveu. Por outro lado, o leitor faz a leitura da palavra contando com a sua própria visão de mundo e com suas experiências nele vivenciadas. E, neste ato de leitura, o leitor-estudante precisa confrontar seu contexto com o texto impresso pelo autor, com a intenção de construir um novo significado. Quer dizer, uma boa leitura, aquela que constitui-se no ato de estudar, deve ser capaz de gerar a (re) organização das experiências do leitor.

Quanto a isso, Freire, (1989, p.9) insiste que:

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever - tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.

Portanto, é precisamente no ato da leitura que se estabelece o diálogo e este será direcionado pelos interesses e intenções do leitor. É este que deverá estabelecer questionamentos e buscar respostas. Deverá problematizar o texto e formular juízos próprios. E de que maneira poderemos fazer essa reorganização de idéias e informações?

SELECIONAMOS ALGUMAS SUGESTÕES PARA MELHOR APROVEITAMENTO DA LEITURA:

a) Anotações e observações, ou seja, fazer apontamentos e grifos das idéias principais e das palavras-chave de cada parágrafo. Isso pode ser feito destacando em cores distintas, sublinhando ou fazendo anotações nas margens. Esta prática se torna produtiva, porque se separam as argumentações principais das secundárias e, com isto, registramos nossas próprias observações. Quanto às anotações nas margens, é importante o leitor criar um código de sinais, que indique a sua maneira pessoal de realizar o entendimento e questionamento do texto (HÜHNE, 1989). Por exemplo, colocar um sinal de interrogação, quando a argumentação do autor não está clara; sinal de igual quando a argumentação do autor coincide com a do leitor; sinal de "mais" quando o leitor percebe que pode acrescentar algo mais nas argumentações do autor; sinal de exclamação para destacar palavras-chave, e dessa forma o leitor vai criando suas próprias estratégias, ou melhor, sua metodologia de estudo.

b) Fichas de leitura

Uma das práticas para auxiliar a lembrar o assunto de um texto lido é a técnica de elaborar fichas de leituras. Elas constituem um importante instrumento de estudo, no momento em que permite o arquivamento e a organização das principais informações provenientes das leituras. Uma ficha de leitura é montada de acordo com a sua finalidade. O importante é que ela contenha dados que serão posteriormente indispensáveis na hora de passar à redação. Nela se registra resumos, opiniões, citações e demais dados que puder servir para referir o livro. Existem várias sugestões de como elaborar uma ficha de leitura. A maioria dos autores de livros sobre metodologia e técnicas de pesquisa, apresenta sugestões e exemplos de como podem ser elaboradas as fichas de leituras. Todas têm sua importância e validade. Nós, porém, para expor e conceituar as questões básicas desta técnica, aderimos a um modelo próprio, assim distribuído:

- a. **Cabeçalho** – dividido em três campos: o primeiro indica o assunto geral; o segundo, o tema e o terceiro, a classificação da ficha.
- b. **Referência bibliográfica** – apresenta o nome do autor, o título do livro, editora, local da edição, ano da publicação, página, etc. As normas para organização das Referências será aprofundado na unidade 03.
- c. **Citações** – as citações podem ser:
 - **Citação direta** – é a transcrição literal, sem mudar nenhuma palavra ou estrutura daquilo que o autor escreveu. Quando não ultrapassar três linhas (citações breves) elas devem integrar o texto e devem vir entre aspas, para lembrar que aquilo é cópia exata do que estava escrito. Nas citações com mais de três linhas são chamadas de longas e devem receber um recuo (reentrada) de 4 cm da margem esquerda e mais 1,5 cm para marcar o início de parágrafos. Em ambos os casos deve-se indicar a página da fonte consultada, logo após a indicação da data, separadas por vírgula. Caso seja necessário suprimir uma parte do parágrafo ou da frase, utilize "(...)" ou "[...]"; sempre tendo o cuidado para não tirar o sentido do texto. Este modelo é o mais recomendado porque na hora da redação, as palavras exatas do autor podem ser modificadas (sem mudar o sentido), fazendo de uma citação direta uma citação indireta. O contrário não é verdadeiro. Uma citação indireta (onde se mudam as palavras do autor) não pode ser transformada numa citação direta.

Exemplo:

A Educação, na visão de Maturana, são ações construídas nas relações, mas de uma maneira autônoma e partilhada ao mesmo tempo. O autor atribui grande importância aos relacionamentos, mantendo a responsabilidade do sujeito por suas decisões. Por isso, em sua concepção educacional,

busca resgatar a vida como centro de todos os processos sistêmicos. Do ser humano enquanto sistema que se espalha na cultura, na convivência. Pensa e desafia-nos a buscar uma educação que resgate a bio-centralidade. O lugar da vida e da amorosidade nos relacionamentos e ações dos viventes (VIEIRA, 2004, p.6).

Sendo assim, a educação para Maturana (2002) consiste no conviver, onde o trabalho é uma decorrência e não um fim. É um processo de criação, que se manifesta na emoção do relacionamento. E, por não ser algo externo, ensinado pelo professor, a aprendizagem depende do que se estabelece na convivência, no entrelaçar das relações

A partir do exemplo, podemos observar uma Citação Direta de Vieira, em sua obra referente ao ano de 2004, na página 06 e uma Citação Indireta, com base nas palavras de Maturana, em sua obra do ano de 2002.

Ocorre-nos dizer que nas Citações diretas, é permitido, vez por outra, o uso da expressão “apud” (segundo, conforme, de acordo com) significa que o autor citou um trecho de uma citação que não a do original, ou seja, se você ao escrever um texto resolve citar algum trecho de Piaget, mas nunca leu Piaget, e sim, leu o autor que cita Piaget, então temos:

Os processos de assimilação e acomodação, usualmente operam dialeticamente, o que quer dizer que assimilamos para acomodar e acomodamos para assimilar. Por exemplo, ao adquirir um novo aparelho de som para minha casa, uma parte de como fazê-lo funcionar, eu já sei; assim sendo, assimilo (assemelho) elementos desse objeto a elementos que já detenho como conhecimento. Porém, tem uma parte que eu não sei; então, aprendo; é isso que é acomodar-se, ou seja, integrar a parte do mundo exterior que ainda não está integrada em mim, nessa experiência. Esse processo possibilita, permanentemente, um aprofundamento do conhecimento cada vez que me detenho no objeto, com nova assimilação e nova acomodação (PIAGET apud LUCKESI, 1991, p.23).

Se habitue a verificar se o que lhe disseram é verdade ou não. E para isso é necessário ler desde cedo os textos originais, sem jamais se contentar apenas com “comentários”.

Temos aí palavras escritas por Piaget e que foram citadas por Luckesi, na página 23 de sua obra de 2003, e que estão sendo utilizadas, agora, nesse novo trabalho.

- **Citação indireta** – como já mencionado, numa citação indireta se modificam as palavras do autor sem tirar o sentido. São aconselháveis para textos longos onde se quer abordar o ponto central da idéia do autor, acrescido das próprias idéias. Na ficha de leitura, pode-se separar a citação indireta do comentário ou fazê-lo de forma conjunta.

Exemplo:

Ao nos referirmos à educação a distância, o primeiro questionamento reside mais nas diferenças que existem entre esta modalidade de educação e a educação presencial do que pelas características que a determinam. Como disse Peters (2004), numa visão simplista, a resposta é a não presencialidade do aluno e do professor no mesmo espaço físico. É possível dizer que as diferenças estão muito além da simples presença numa sala de aula.

- **Resumo** – o resumo é uma síntese do texto, uma apresentação condensada do autor. Devem ser evitados os comentários de cunho pessoal, bem como críticas ou julgamentos de valor (SALVADOR, 1986, p. 17).
- d. **Comentários** – são as idéias que tivemos ao ler o texto. São as mesmas idéias que costumamos anotar nas bordas das páginas dos livros. Nos comentários são colocados tudo aquilo que se pensou, lembrou ou imaginou, mesmo que não sejam utilizados na escrita. Por esta razão, sugerimos que a ficha de leitura seja construída à medida que se esteja lendo e não ao término, uma vez que corremos o risco de esquecer nossas idéias.
- e. **Palavras-chave** – são as palavras principais, ou seja, as expressões mais relevantes que caracterizam o texto. Elas nos auxiliarão a organizar as várias fichas em assuntos, facilitando a análise dos dados.

Exemplo:

Cabeçalho	Assunto geral: Metodologia Científica	Tema: Estudar	Classificação: Ficha n. 01.
Referência bibliográfica Citação direta e/ou Citação indireta e/ou resumo	HÜHNE, Leda Miranda (org.). Metodologia Científica. 3. ed. São Paulo: Agir, 1989 XXXXXXXX XXXXXX XXXXX XXXXX		
Comentários pessoais Palavras-chave			

 **APLICAÇÃO PRÁTICA**

De acordo com o que vimos nessa segunda semana, experimente aplicar os conhecimentos. Escolha um livro, um artigo, uma crônica ou um texto de seu interesse e construa duas fichas de leitura. Lembre que o importante é que ela contenha os dados que posteriormente serão indispensáveis para uma futura redação. No caso de informações obtidas através do meio digital, o endereço da URL deve constar entre as anotações da referência.

c) Fluxograma de um texto

Podemos reconstruir um texto utilizando apenas as palavras-chave ou expressões significativas, destacadas durante a leitura, assim organizamos os conceitos, categorizamos. Para isso, podemos usar um esquema (organograma) distribuindo as palavras-chave ou expressões mais relevantes, uma após outra, ligando-as entre si, de acordo com seus conteúdos, de tal modo que fique em poucas palavras retratado o raciocínio lógico do texto. Atualmente, utilizam-se os Mapas Conceituais para construir um “fluxograma”. Este poderá ser elaborado da forma tradicional ou com a utilização de um software chamado CmapTool.

Novak (2003) define mapa conceitual como uma ferramenta para organizar e representar conhecimentos. Baseado na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2000), o mapa conceitual é uma representação gráfica em duas dimensões de um conjunto de conceitos construídos de tal forma que as relações entre eles sejam evidentes. Os conceitos aparecem dentro de caixas nos “nós” do grafo enquanto que as relações entre os conceitos são especificadas através de *frases de ligação* nos arcos que unem os conceitos. Há dois ou mais conceitos, conectados por frases de ligação, criando uma unidade semântica, chamada de proposição. As “proposições” são uma característica particular dos mapas conceituais, se comparados a outros grafos similares como os mapas mentais. De acordo com Novak (2003), o eixo vertical expressa um modelo hierárquico para os conceitos onde os mais gerais ou inclusivos aparecem na parte superior e os mais específicos nas partes inferiores.

Safayeni et al (2003), contudo, advoga que os mapas conceituais cíclicos, ou seja, não hierárquicos, podem ser mais eficazes para uma representação mais dinâmica do conhecimento permitindo

anotações. Como o resumo não deve ser extenso, é aconselhável que não façamos simultaneamente a leitura. Resumindo, o resumo é uma síntese do texto, e não uma redução de idéias do autor: É uma apresentação condensada de um texto. Deve ser livre de todo comentário pessoal e não deve formular críticas ou julgamentos de valor (SALVADOR, 1986, p. 17).

Apesar de ser elaborado com as próprias palavras do leitor, este deve manter-se fiel às idéias do autor, ou seja, fazer o resumo a partir da análise temática, priorizando as idéias de grande relevância e interesse.

e) Resenha

Assim como o resumo, a resenha também é uma síntese de um texto, porém com a diferença que na resenha podemos formular "críticas ou julgamentos de valores".

Segundo Severino, (1978, p. 114), é possível realizar dois tipos de resenhas: (1) puramente informativa, (2) a resenha crítica. A primeira limita-se a expor o conteúdo do texto, resenhado com maior objetividade possível. Já a resenha crítica, é bem mais abrangente e mais útil. Na ótica de Salvador, (1986, p.19),

A resenha crítica é, pois, a apresentação do conteúdo de uma obra, acompanhada de uma avaliação crítica. Na resenha crítica, expõe-se claramente e com certos detalhes o conteúdo da obra. E, tendo em vista o propósito da obra, os leitores aos quais se dirige e o método que sugere, faz-se uma análise e uma apreciação crítica do conteúdo, da disposição das partes, do método, de sua forma ou estilo e, se for o caso, da apresentação tipográfica.

A resenha crítica requer sérias exigências da parte de quem a elabora, porém não vamos aprofundar este assunto, mas deixamos como uma sugestão a ser melhor aprofundada por parte de vocês.

Mural:

"Estar atento significa estar disponível ao espanto. Sem espanto não há ciência, não há criação artística. O espanto é um momento do processo de pesquisa, de busca. Essa postura de abertura ao espanto é uma exigência fundamental ao educador e à educadora. [...] O espanto não é o medo que ele tem nem é coisa de ignorante. O espanto revela a busca do saber."(FREIRE, 1989, p.23)

SAIBA MAIS

Dicas para atingir a eficiência nos estudos:

APRENDER A APRENDER:

- Assuma a responsabilidade pelo estudo.
- Não espere só pelos professores.
- Marque um horário e local para estudo.
- Desenvolva seu próprio método.
- Saiba orientar seus próprios estudos.

DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO:

- Elabore uma planilha demonstrando como usar seu tempo – diário.
- Reelabore esta planilha sempre que necessário.
- Alguns minutos por dia podem somar horas na semana, portanto, torne o tempo mais produtivo
- Determine o que vai estudar em cada momento.

CONSTRUA SEU CONHECIMENTO

- Tente relacionar conceitos com outros conhecimentos que você já domina, especialmente com sua experiência.
- Seja curioso e certifique-se dos fatos. Viva com o poder da pergunta.
- Lembre-se: a sua prática (ação) é a melhor maneira de guardar as informações. Então, aprenda fazendo!
- Seja um pesquisador, um experimentador.

REFERÊNCIAS - SEGUNDA SEMANA

AUSUBEL, D. **The Acquisition and Retention of Knowledge: A Cognitive View.** Kluwer Academic Publishers, Boston, 2000.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Leitura do adolescente: uma interpretação pelas bibliotecas públicas do Estado de São Paulo – pesquisa trienal.** Marília: UNESP, 1995.

BORTOLIN, S.; SILVA, Rovilson José da . **Das prateleiras às mãos. Revista pedagógica,** Chapecó – SC, v. 3, n. 6, p. 87-97, 2001

Bruner J., **La cultura dell'educazione.** Feltrinelli: Milão, 2001.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

HÜHNE, Leda Miranda (org.). **Metodologia Científica.** 3. ed. São Paulo: Agir, 1989.

JOHANN, Jorge Renato (Coord.) **Introdução ao Método Científico.** 2. ed. Canoas: Ed. da ULBRA, 2002.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer Universidade:** uma proposta metodológica. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NOVAK, J. D. **The Theory Underlying Concept Maps and How to Construct Them,** 2003. Disponível em: <<http://cmap.coginst.uwf.edu/info/printer.html>>. Acesso em: 23 de mai. de 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O bibliotecário e a formação do leitor.** Leitura: teoria & prática, Campinas, v.6, n.10, p.5–10, dez.1987.

SAFAYENI, F., N. DERBENTSEVA, A. J. CAÑAS. **ConceptMaps: A Theoretical Note on the Need for Cyclic Concept Maps,** Manuscript in preparation, 2003.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica.** 11. ed. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico: Diretrizes para o trabalho didático – científico na universidade.** 3. ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.

unidade 2

BIBLIOTECA E AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

EMENTA

Abordagem sobre os diferentes ambientes de acesso à informação, enfocando as estratégias de busca.

OBJETIVO GERAL

O objetivo desta unidade é conhecer os diferentes espaços de pesquisa para que assim, o professor estabeleça as suas próprias estratégias de busca da informação, desenvolvendo aprendizagens relacionadas à identificação e seleção das informações relevantes, adequando ao processo pedagógico e metodológico da pesquisa escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e entender os recursos e ferramentas dos diferentes ambientes de pesquisa;
- Oferecer ao aluno alternativas de fontes de pesquisa virtual, bem como as formas de acessá-las;
- Proporcionar atividade práticas que viabilizem a análise, organização e categorização da informação.

TERCEIRA SEMANA DE AULA

A meta proposta para esta semana é conhecer as bibliotecas tradicionais e digitais, enfocando o acesso a informação. Assim abordaremos:

- Bibliotecas tradicionais
- Bibliotecas digitais
- Os novos conceitos de Lugar e Tempo
- Caracterização e estratégias de Busca em Fontes Eletrônicas e Bibliográficas dos ambientes de pesquisa.

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Ao iniciarmos a nossa segunda Unidade – terceira semana de aula, retomamos as idéias do texto Pesquisador e Experimentador, no qual Nietzsche (2003) revela que devemos sempre lembrar de proceder por tentativas, nos envolvendo com as coisas como investigadores, questionadores, como viajante e como curioso. Poder-se-á chegar a arrancar uma parcela de informações, “seja pela simpatia, seja pela determinação; um é impelido para frente, impelido a ver claro pela veneração que lhe inspiram seus segredos, outro, pelo contrário, pela indiscrição e pela malícia na interpretação dos mistérios” (Nietzsche, 2003, p.56). Então, podemos dizer que estamos sempre em (re)criação, da mesma forma que nossos espaços de pesquisa e de aprendizagem: estão constantemente sendo (re)construídos.

2. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE AS BIBLIOTECAS

A partir da História, sabe-se que as bibliotecas foram criadas como refúgio de fontes de conhecimento e que durante muito tempo, não era permitido o acesso do cidadão comum, já que nos primórdios da biblioteca, na Europa, era mínima a parcela letrada e capaz de compreender o código escrito. Além disso, havia uma questão de ordem política e religiosa, que excluía o homem do povo do contato com o saber, de maneira que o poder pudesse ser mantido com base na ignorância servil da população (MILANESI, 2002).

A Figura 03 retrata a Biblioteca do Vaticano, fundada em 1450, pelo papa Nicolau V (um milhão de volumes impressos, entre os quais cinco mil incunábulos e 60 mil manuscritos).

Figura 03 – Biblioteca do Vaticano

Para visualizá-la acesse o link:

http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/images/F_P_ab4.jpg

Na Renascença (Idade Média), surgem as primeiras universidades, que apesar de ainda controladas pela ordem religiosa, começam a abrir caminho para o domínio laico (MILANESI, 2002). Assim, como nos primórdios do surgimento das bibliotecas universitárias, ainda hoje, obter conhecimento significa obter poder; significa possuir instrumentos que controlem o fluxo de informação e, por sua vez, possuir poder sobre sua distribuição.

Conta a história que, Oxford e Sorbonne, contemplaram as primeiras coleções universitárias através de grandes bibliotecas, onde seus ambientes lembravam, em muito, o dos templos, pois os livros, geralmente manuscritos, eram presos com longas correntes às estantes (MILANESI, 2002).

Podemos, desta forma, pensar que a livre circulação de informações que atualmente testemunhamos, sequer era imaginada pelos letrados daqueles tempos. Se, no passado, o leitor era mantido em uma posição de receptor passivo da informação filtrada pelo poder, hoje, esse mesmo leitor pode ser um colaborador na criação do conteúdo a ser publicado, o que auxilia a expansão do conteúdo encontrado na Internet.

A Internet, apesar de ter sido criada para fins estratégicos militares, foi o potencial econômico que fez com que seu uso fosse estendido à população civil. É certo que, da mesma forma que na Idade Média havia um enorme fosso entre um possível leitor e a informação escrita, ainda se assiste a uma enorme desigualdade de acesso a bens fundamentais em grande parte da população mundial. Para a maior parte da população, acessar conteúdo de informação via internet é algo tão impensável, e mesmo incompreensível, como era para o camponês medieval penetrar nos átrios de uma biblioteca religiosa (SANTOS, 2006).

É inegável a importância que hoje assumem os sistemas de informação tanto para estudos e pesquisa, como para os negócios das grandes corporações, mas ter acesso a estes sistemas de informação não é tudo. Saber usá-los mostra-se um desafio ainda maior em nossos tempos. Kafure apud Santos (2006), destaca que uma das maiores queixas dos usuários de sistemas de automação de bibliotecas são as dificuldades em compreender as funcionalidades da interface, o que contribui para a lentidão na habilidade para recuperar informação e reduz a quantidade de resultados que atendam às necessidades do usuário.

2.1 LUGAR E TEMPO: NOVOS CONCEITOS

Quando comparamos as características de uma biblioteca tradicional com uma virtual o primeiro pensamento que nos ocorre é que devido às tecnologias da informação e da comunicação o local onde o documento reside não é o mais importante. O conceito de "lugar" torna-se secundário e o que é importante passa a ser o "acesso" e, com frequência, a "confiabilidade" da informação. Em outras palavras, é importante saber quem produziu a informação, quem a identificou como confiável, quem a selecionou para uso comum, quem a disponibiliza e quem garante sua autenticidade. A biblioteca virtual, com frequência, aponta para as fontes de informação sem, necessariamente, possuir a propriedade física das mesmas. "O conhecimento humano está atualmente disperso no espaço, desdobrando-se em um tempo descontínuo" (LEVACOV, 1997, p56).

Novas formas de comunicação e armazenamento de dados surgem como alternativa, facilitando a transmissão, o armazenamento, o tratamento e a integração das informações. Essas facilidades, associadas à crescente utilização desses recursos, contribuem para a socialização de novos saberes.

A *Web*, em especial, tem surgido como o ambiente mais interativo e de maior alcance das informações. Com a emergência de ambientes virtuais na rede, os participantes buscam atender as mais diversas necessidades humanas, sejam elas pessoais, profissionais ou assuntos específicos. Esses ambientes são as chamadas "comunidades virtuais" que, em sua definição mais ampla, agregam pessoas com interesses comuns no ciberespaço e, através dele, constroem um "saber coletivo" (GAVA, 2002).

Os ambientes virtuais são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades interacionais em diferentes graus, mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem, assim, integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades podem se desenvolver no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com a intencionalidade (ROCHA, 2008), com a vantagem de propiciar a gestão da informação segundo critérios (pre)estabelecidos de organização, definidos de acordo com as características de cada software. No que tange aos propósitos educacionais, existem diferentes ambientes virtuais disponíveis na *Web*, direcionados às atividades de interação e de pesquisa (em maior ou menor grau), na medida em os sujeitos buscam constituir uma rede que possibilita a busca e a troca de informações propícias às aprendizagens e à construção do conhecimento.

Ambientes que qualquer usuário de qualquer ponto pode não só trocar informações, mas reconstruir significados, rearticular idéias individualmente e coletivamente, e assim, partilhar novos sentidos, socializar saberes e compartilhar novos consensos com todos os usuários da rede, (re)significando os conceitos de tempo e espaço (ROCHA, 2008).

Se fizermos uma pequena análise das comunidades tradicionais – a comunidade do bairro, da igreja, da sala de aula, do grupo de estudos, entre outras –, podemos perceber que as relações do tempo e espaço eram marcadas pela presença social, onde as atividades eram localizadas em um determinado lugar e ambos (espaço e tempo) coincidiam. Não se pensava em tempo sem um espaço definido, pois o tempo era marcado pela presença e as pessoas viviam em áreas e trabalhos comuns ao grupo. Para Anthony Giddens (1991), as sociedades tradicionais ou pré-modernas são tidas como baseadas sobre relações sociais as quais são encaixadas no tempo e espaço. Isto acontece pela proximidade que o trabalhador tem da natureza, por causa da sua confiança na agricultura como meio de subsistência, então por isso o senso temporal do trabalhador geralmente é baseado em estações. O tempo para este trabalhador é cíclico (baseado em estações) e local (Idem, ibidem).

Com a invenção do relógio (o tempo cronológico), começou-se a separar o tempo do espaço, uma vez que se permitia a designação de zonas do dia. Com a organização social do tempo (tempo subjetivo) inserida na expansão da modernidade, houve a padronização em escala mundial dos calendários, onde o tempo deixou de estar conectado com o espaço. Por modernidade, considera-se a referência a um estilo, ao costume de vida ou já organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que se tornaram mais ou menos mundiais em sua abrangência (GIDDENS, 1991).

Assim, acostumadas com a presença física e com a definição do tempo e do espaço em conjunto, as comunidades começaram a passar por um processo de 'virtualização', onde o tempo não era mais definido em paralelo ao local.

Considerando a atual emergência dos ambientes virtuais e, em especial, as bibliotecas, podemos perceber que após esse momento de modernização, devido à inserção da tecnologia em todos os setores da sociedade, a comunidade passa a ser vista como uma forma de organização que reúne as pessoas e informações. Dessa maneira, uma biblioteca, tanto real como virtual procura adequar as técnicas a fim de organizar e classificar a produção intelectual de uma sociedade

APLICAÇÃO PRÁTICA

Retornando as idéias iniciais referente ao texto "Pesquisador e experimentador" e em consonância com os nossos objetivos em relação a disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação propomos três atividades que visam a construção e organização do nosso conhecimento:

2.2 TIPOS DE DOCUMENTOS EM BIBLIOTECAS E NOS AMBIENTES REAL E VIRTUAL

Como podemos imaginar, várias são as formas de tecnologia utilizada para o registro das informações, visando organizar e classificar a produção intelectual de uma sociedade. Então, como nos fala Kafure (2005), a biblioteca existe pelos serviços que oferece, os quais vêm essencialmente de seu acervo. Para a autora, o sistema de acesso *on line* ao catálogo é um meio para que os usuários possam acessá-lo local ou remotamente.

Alguns questionamentos têm sido feitos por parte dos estudiosos nessa área de biblioteconomia e áreas afins, pois com o surgimento dos computadores e da internet, com o crescente volume das informações disponíveis, como ficam as bibliotecas tradicionais? Seriam coisas do passado? De acordo com Santos (2006), como reflexo dessas mudanças, atualmente, existem os chamados “Centros de Informação”, onde são prestados vários outros serviços, além da tradicional pesquisa bibliográfica e manutenção de acervo, como por exemplo, o fornecimento de informação estratégica para o mundo corporativo. Com o surgimento das mídias digitais, as bibliotecas estruturam-se sob novas formas de atuar e estabelecerem novos conceitos.

Seja qual for o conceito ou modelo de biblioteca (tradicional, virtual, *on line*, digitais), certamente, ainda podem haver dificuldades com relação a tecnologia, dificuldade para acesso remoto, pois ainda faltam recursos que orientam a experiência do usuário durante uma visita à biblioteca baseada na *web*. Muitas vezes, necessitamos da figura do bibliotecário para interagirmos em uma situação de busca, especialmente quando não temos clareza das informações que necessitamos (Idem, Ibidem.). Em observações feitas em uma escola de ensino fundamental, neste ano de 2009, pude perceber que os alunos, ao se dirigirem a bibliotecária, muitas vezes, não sabem discernir claramente a informação que necessitam. Então, percebi que o profissional tem que interpretar o desejo do usuário para atender sua(s) expectativa(s).

Se pensarmos que esta dificuldade também pode se remeter a busca pelo computador, a pesquisa pode levar mais tempo, pois o usuário de uma biblioteca virtual, pode se deparar, entre outros fatores, com a dificuldade em selecionar a informação que lhe seja mais adequada. Porém existem algumas estratégias de busca das informações através da *web* que podem nos auxiliar, mas a primeira coisa é entendermos o que é uma biblioteca virtual ou digital.

Então, de acordo com o quadro 02, podemos caracterizar uma biblioteca tradicional e uma digital:

BIBLIOTECA TRADICIONAL	BIBLIOTECA DIGITAL
Material impresso	Arquivos para download
Horário de funcionamento	Pode ser acessada a qualquer momento
Empréstimo entre as bibliotecas para suprir as falhas nos acervos	Armazenamento da informação (forma eletrônica)
Utilização de um mesmo documento apenas por uma pessoa ao mesmo tempo	Utilização de um mesmo documento por várias pessoas ao mesmo tempo
Controle bibliográfico	Acervo sem posse
Indexação na língua local	Indexação em outras línguas
Acomodar a crescente coleção	Armazenamento na Web
Tipos de documentos: livros, obras raras (inferior a década de 50) TCC, monografias, dissertações, teses, periódicos, folhetos (artigos, etc), CD, DVD	Tipos de documentos: livros, teses e dissertações, anais de eventos, artigos de periódicos

Quadro 02 – Biblioteca tradicional e biblioteca digital

A partir das características de uma biblioteca tradicional e digital podemos entender o contexto histórico, econômico e cultural na qual estas mudanças emergem. A automação permitiu que as bibliotecas melhorassem, expandissem e agrupassem atividades e serviços mais úteis para usuários, enfim, que enfrentassem os desafios competitivos atuais (LEVACOV, 1997). O processador de texto, bancos de dados, e-mail, fax, todos estes novos recursos tecnológicos tornam-se, dessa forma, rotina na biblioteca.

2.2.1 Estratégias de busca em fontes eletrônicas e bibliográficas

Realizar uma busca na Internet é uma ação que exige paciência e concentração para não se perder pelos milhares de endereços e seus hiperlinks, que oferecem variadas opções de percursos. Trata-se de uma atividade própria do atual contexto digital da sociedade. Diferentemente do livro — em que há uma predominância da leitura linha a linha, da primeira até a última página da obra —, a Internet permite traçar infinitos caminhos não-lineares.

O professor, ao trabalhar o procedimento de busca em sala de aula, passa a valorizar o ensino e a aprendizagem da habilidade de pesquisa na *Web*. De acordo com o Caderno de Orientações Didáticas – Ler e Escrever – com as Tecnologias da Educação, é necessário aprender a encontrar aquilo que se procura sem ceder à tentação de clicar em chamadas atraentes que nada têm a ver com o objetivo da pesquisa. E, especialmente, é necessário interpretar e analisar as informações recebidas.

Desta forma nossos principais objetivos são os de explorar os recursos dos sites de busca, potencializar os processos de localização de informações na Internet. Para isso, em primeiro lugar

SAIBA MAIS

Mural: De olho na tela

O NOME DA ROSA

Romance de Humberto Heco

Direção: Jean Jacques Annaud

O filme se irradia a partir da biblioteca de um mosteiro - a maior biblioteca do mundo cristão, cuja riqueza ajuda a explicar o título do romance: "o nome da rosa" era uma expressão usada na Idade Média para denotar o infinito poder das palavras.

devemos nos preocupar em saber o que os alunos já conhecem a respeito da pesquisa na Internet.

APLICANDO O CONHECIMENTO

A proposta para experienciarmos as estratégias de busca na Internet é você escolher, em primeiro lugar, um tema dentro da sua prática profissional, dentro do seu próprio contexto social. Após a definição do tema utilize alguns sites de pesquisa como: Google, Altavista, Yahoo, Cadê, UOL, Terra, Aonde, Achei.

www.google.com.br

www.altavista.com.br

www.yahoo.com.br

<http://br.cade.yahoo.com>

www.uol.com.br

www.terra.com.br

www.aonde.com.br

www.achei.com.br

SAIBA MAIS

Segundo Leiner (1988), uma biblioteca digital é a coleção de serviços e de objetos de informação, com organização, estrutura e apresentação que suportam o relacionamento dos utilizadores com os objetos de informação, disponíveis direta ou indiretamente via meio eletrônico/digital. Permite o acesso remoto, através do computador com ligação em rede, a diferentes registros de informação: texto, som, imagem, possibilitando a utilização simultânea por diversas pessoas.

Como o Google é o site de busca mais utilizado, atualmente, vamos nos deter na busca da informação através de seu navegador. Desta forma, como você já estudou na disciplina anterior, ao digitar um tema, o buscador encontra um número X de links, que podem ser de páginas oficiais ou pessoais. Você deve dar preferência aos sites oficiais. Lembre-se que, para buscar informação na Internet, é preciso ser o mais específico possível. Por exemplo, se quer saber sobre folclore da região nordeste do Brasil, não digite apenas "folclore" no campo de busca. Assim aparecerão milhões de links no resultado, a maioria sem nenhuma relação com o que você procura. Especifique: "folclore da Bahia", "folclore de Fortaleza", entre muitos outros.

De acordo com o Caderno de Orientações Didáticas – Ler e Escrever (s/d) existem alguns comandos que podem ser inseridos para filtrar o resultado e assim facilitar a busca. Por exemplo:

- Se você desejar encontrar a definição de alguma palavra, objeto etc., digite "define: (palavra)".
- Usar aspas no início e no fim (" "), limita a pesquisa na frase digitada.
- O asterisco (*) amplia o resultado de uma pesquisa. Exemplo: se digitar Brasil* aparecerá o resultado da pesquisa para brasileiro, brasileira etc.
- Sinal de subtração (-) elimina a palavra ou a frase, para encurtar o resultado de uma busca. Exemplo: Cordilheira -dos Andes. O sinal traz as páginas que contenham qualquer cordilheira, menos a dos Andes.

- O sinal de adição (+) amplia a busca e traz páginas que contenham as duas expressões Ex. "folclore brasileiro + região".
- O conectivo "e" (para buscas em site de língua portuguesa), ou "and" (para sites de busca em língua inglesa), deve ser colocado entre duas palavras, assim, a pesquisa traz páginas que contenham as duas expressões. Exemplo: Brasil e Angola. O resultado da pesquisa vai trazer páginas que contenham informação sobre os dois países. "Ou" (busca em site de língua portuguesa), ou "or" (busca em língua inglesa), deve ser colocado entre duas palavras, para trazer páginas que contenham uma das duas palavras. Exemplo: Brasil ou Angola. O resultado da pesquisa vai mostrar informação sobre um dos dois países.

Então, a partir do tema que você escolheu, faça uma pesquisa utilizando os recursos mencionados. Se possível, procure, desde já, buscar informações sobre um assunto que, no decorrer da disciplina poderá se transformar no seu objeto de pesquisa. Caso necessário, redirecione a forma pesquisada ou reavalie o site, mas não deixe de registrar o percurso da atividade. Registre seus apontamentos, pois no decorrer das nossas atividades, você terá a oportunidade de interagir com os seus colegas e em uma roda de conversa, socializar o tema e o seu percurso de navegação. Neste momento, é possível avaliar se você conseguiu chegar ao resultado esperado. Para isso, retome nossos objetivos, ou seja, verifique se você conseguiu pesquisar com autonomia? Foi possível explorar os recursos do Google? Você conseguiu chegar aos resultados esperados?

Retorne seus apontamentos e organize uma lista de sites (portais educacionais) que você achou interessante. Acrescente o(s) objetivo(s) de cada um, para que possamos, assim, compartilhar com o grupo.

REFERÊNCIAS - TERCEIRA SEMANA

CADERNO DE ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS – LER E ESCREVER: Tecnologias na Educação. Disponível em: <http://www.educarede.org.br>

Acesso em: 23 de jul. de 2009.

GAVA, A. C. **Educação a Distância:** ambientes telemáticos e perspectivas. Tema, São Paulo, v. 1, 2002, p. 30-40.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** Traduzido por. Raul Fiker. Rio de Janeiro, v. 8 n. 16, 1991, p. 1-14.

KAFURE, I; CUNHA, M. B.; VENTURELLI, S.; FERREIRA, M. **Usabilidade na recuperação da informação no catálogo público de acesso em linha.** Anais 5o. Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade, Design de Interfaces e Interação Humano-computador. PUC-Rio, 2005.

LEVACOV, M. . **Bibliotecas virtuais:** (R)Evolução? Ciência da Informação, Brasília, v. 2, p. 125-135, 1997.

MILANESI, Luís. **Biblioteca.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NIETZCHE, Friedrich W. **Ecco Homo: de como a gente se torna o que a gente é.** Porto Alegre: L&PM, 2003

ROCHA, Karla Marques da. **Estudo sobre a constituição de um Sistema Social em Ambiente Virtual de Aprendizagem.** Porto Alegre: UFRGS, 2008. Tese (Doutorado em Informática na Educação), Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, 2008.

SANTOS, Robson. **Usabilidade de Interfaces para Sistemas de Recuperação de Informação na Web: estudo de caso de bibliotecas on-line de universidades federais brasileiras** (Tese de Doutorado em Design). Pontifícia Universidade Católica do rio de Janeiro - Programa de Pós-Graduação em Design, 2006.

SAIBA MAIS

Dica: No site EducaRede (www.educarede.org.br), no canal Educalinks (<http://blogeducalinks.blogspot.com>) é possível encontrar uma seleção prévia de conteúdos interessantes sobre temas variados. Pesquise e descubra qual deles indica sites para pesquisa por categoria (meio ambiente, pluralidade cultural, jogos educativos, arte e cultura, entre outros).

SAIBA MAIS

Portal do MEC

<http://portal.mec.gov.br/>

Portal Educacional

<http://www.educacional.com.br/>

Bússola Escolar

<http://www.bussolaescolar.com.br/>

Clube do professor

<http://www.clubedoprofessor.com.br/>

FutureKids – integrando Educação e Tecnologia

<http://www.futurekids.com.br/>

Revista Nova Escola

<http://revistaescola.abril.com.br/home/home.shtml>

Revista Aprender

<http://www.aprendervirtual.com/>

Planeta Educação

<http://www.planetaeducacao.com.br>

SAIBA MAIS

Video: Assista o vídeo YouTube sobre estratégias de busca na Internet

Endereço:

http://www.youtube.com/watch?v=t9ktm599GrU&feature=player_embedded

QUARTA SEMANA DE AULA

Nas semanas anteriores, desenvolvemos objetivos que nos permitem pensar na necessidade de formar um leitor que possa selecionar a grande quantidade de informações vinculadas através dos diversos meios de comunicação. Para isso, abordamos os mediadores de leitura, a importância da leitura no ato de estudar. Na primeira semana da Unidade II, abordamos a caracterização das bibliotecas tradicionais e digitais, bem como algumas estratégias de busca à informação. Assim, dando continuidade ao nosso programa, nessa semana que se inicia e a qual identificamos como sendo a quarta, nossas **metas** são?

- Abordar os ambientes virtuais como redes de comunicação e aprendizagem;
- Conhecer as diferentes bibliotecas digitais (virtuais);
- Conhecer os critérios de avaliação para os ambientes virtuais.

2.3 PESQUISA EM FONTES BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

Diante de uma grande quantidade de informações veiculadas na Internet, é preciso formar o leitor para selecioná-las e assim, discernir as informações confiáveis, especialmente quando estamos objetivando uma pesquisa, seja ela escolar ou acadêmica. Muitas vezes nos questionamos sobre quais os locais, na rede, que oferecem informações culturais ou científicas qualificadas, da mesma forma sobre os conteúdos de domínio público, ou seja, se estamos usando de acordo com as leis referentes aos direitos autorais.

Como já mencionamos, a implantação de uma biblioteca digital possibilita a organização das informações, servindo como suporte fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e Instituição de Ensino Superior (IES). Além disso, têm-se como vantagens o material disponível a qualquer tempo, facilidade de pesquisa e de acesso, atualização das informações, diminuição dos custos e preservação do acervo (BERTAGNOLLI et al, 2007). A biblioteca digital também possibilita uma maior divulgação dos materiais didáticos e dos trabalhos realizados (trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelos alunos nas diversas disciplinas, trabalhos de conclusão de curso e, futuramente, dissertações de mestrado).

A composição do acervo digital deve levar em consideração aspectos técnicos e éticos como o formato dos dados, respeito aos direitos autorais e capacitação dos recursos humanos. O desafio imposto às bibliotecas digitais é demonstrar que elas podem ser utilizadas como recurso seguro para consultas, viabilizando um novo ambiente de estudo (BERTAGNOLLI et al, 2007, p.02).

Os mesmos autores mencionam que também devemos nos ater para tradicionais ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), utilizados para Educação a Distância (EaD), já que também oferecem ferramentas que permitem a publicação de arquivos e materiais didáticos, entre diversas outras funcionalidades. Os AVAs também possibilitam a interação entre professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno.

Os ambientes estabelecem “redes de comunicação e aprendizagem” entre os envolvidos possibilitando a troca de conhecimentos e experiências. Esses ambientes podem ser utilizados como mediadores da comunicação em disciplinas presenciais, totalmente a distância, ou ainda, em disciplinas semipresenciais (BERTAGNOLLI, 2007).

A utilização das tecnologias na educação, sejam elas o correio, *chat*, televisão, Internet, bibliotecas digitais, ambientes virtuais de aprendizagem, constitui um processo de adaptação e aprendizagem, e, sem isso não poderíamos interagir e constituir um ambiente propício para a troca de informações.

Se tomarmos como base as idéias de Maturana e Varela (2001), ao observarmos um sistema vivo, no caso, nós, alunos da disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação, e o meio em que ele interage (AVA, bibliotecas – tanto tradicionais como digitais), podemos perceber que tanto o sistema como o meio podem se modificar de forma simultânea. Como exemplo, podemos comparar com o pé que está sempre se ajustando ao sapato e vice-versa. De igual modo, num ambiente virtual – AV – um acoplamento entre professores, alunos e ambiente poderá produzir, simultaneamente, um grupo de aprendizagem (na forma de uma comunidade) e um ambiente de aprendizagem (na forma de um AVA – ambiente virtual de aprendizagem (AXT, 2004). É uma boa maneira de dizer que o meio produz mudanças na estrutura dos sistemas, que por sua vez agem sobre ele, alterando-o, numa relação circular. Então, seguindo este raciocínio, vocês podem perceber que tanto os sujeitos (alunos) como o ambiente(AVA) se modificam.

Assim como nas comunidades, é necessário, no ciberespaço, o acoplamento tecnológico entre professores, alunos e ambientes de aprendizagem. Neste acoplamento tecnológico, as mudanças não ocorrem a partir da lógica da tecnologia; essa, por sua vez, desencadeou perturbações, mas o curso daquelas foi guiado pela estrutura dos atores envolvidos (coordenação, professores, tutoras e alunos), inseridos na lógica do sistema (ROCHA, 2008).

O meio desencadeia mudanças de estado no sistema, e o sistema desencadeia mudanças de estado no meio. Que mudanças de estado? Uma mudança permitida pela estrutura do sistema. [...] O meio seleciona a mudança estrutural no organismo, e o organismo, através da sua ação, seleciona a mudança estrutural no meio. (MATURANA, 2002, p.61).

Então, o ambiente, seja o Moodle, seja os ambientes de pesquisa, através da sua configuração (“estrutura do ambiente”), seleciona as mudanças estruturais no grupo. E o grupo, através de sua ação, seleciona as mudanças no ambiente.

Neste contexto, podemos perceber que nosso ambiente virtual de aprendizagem vai, aos poucos sendo povoado e, tomando novas configurações, constituindo-se assim, em uma comunidade de aprendizagem. Da mesma forma as bibliotecas digitais, portais educacionais e, em alguns casos, os repositórios de objetos de aprendizagem.

Essas são algumas das questões que podem nortear o trabalho de pesquisa e leitura crítica de conteúdos da Internet, para possibilitar que o aluno desenvolva sua capacidade de seleção de informações.

Assim, a pesquisa em fontes bibliográficas e eletrônicas envolve processos cognitivos, tais como: levantamento de hipóteses, análise, comparação e síntese, que também se articulam com imagem, áudio e vídeo. A seguir, disponibilizamos alguns endereços para pesquisas em fontes bibliográficas e eletrônicas

2.3.1 Endereços para Pesquisa em Fontes Bibliográficas e Eletrônicas

Diversas são as bibliotecas virtuais, digitais, *on line*, portanto, procuramos organizar alguns endereços para acesso a informação:

- Bibliotecas Virtuais Especializadas: <http://www.prossiga.br/bvtematicas/>
- Biblioteca Virtual de Educação: <http://bve.cibec.inep.gov.br/>
- Biblioteca Digital da Unicamp: <http://libdigi.unicamp.br/>
- Bibliotecas Virtuais: http://www.cg.org.br/gt/gtbv/bib_esp01.htm
- Biblioteca Digital da USP – teses e dissertações: <http://www.teses.usp.br/>
- Núcleo de Informática Aplicada à Educação – UNICAMP: <http://nied.unicamp.br/inicial.php>
- Núcleo de Informática na Educação Especial – UFRGS: <http://www.niee.ufrgs.br>
- Programa de Pós-Graduação em Inf. na Educação: <http://www.pgje.ufrgs.br>
- Sinprors – vários endereços de bibliotecas: <http://www.sinprors.org.br/bibliotecas.asp>
- Portal Brasileiro da Informação Científica: <http://periodicos.capes.gov.br/>
- Biblioteca Eletrônica Scielo: www.scielo.br
- Biblioteca On line SEBRAE: www.biblioteca.sebrae.com.br
- Periódicos Capes: <http://www.periodicos.capes.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia: <http://www.ibict.br/>
- Biblioteca da UFRGS: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/>

SAIBA MAIS

Portal Educacional são recursos da internet incorporados a uma comunidade virtual, ou seja, “onde freqüentam um conjunto de pessoas que desempenham tarefas similares, atuam na solução de problemas comuns e articulam conhecimentos relevantes de interesse comum” (PALLOF E PRATT, 2002). Assim, o Portal não é meramente um contexto virtual para pesquisas de artigos ou similar, e sim um canal de comunicação mais direto.

Repositórios de Objetos de Aprendizagem são sistemas que gerenciam, sistematizam e organizam o registro de objetos educacionais que através de seus atributos de catalogação (metadados) permitem sua pesquisa e recuperação por diferentes critérios. Cabe salientar que segundo Wiley (2003), os objetos de aprendizagem são quaisquer recursos digitais, que podem ser reutilizados para assistir à aprendizagem e possam ser distribuídos pela rede, sob demanda, independentemente do tamanho.

SAIBA MAIS

Dica: Entre no site <http://www.indekk.com> e clique sobre a bandeira do país que desejar. Depois, no jornal de sua preferência, onde terá as edições atualizadas. Aparecem jornais de 29 países e de vários estados do Brasil.

- Biblioteca da UFSM: <http://bibweb.si.ufsm.br/>
- Universidade Aberta do Brasil: <http://www.uab.capes.gov.br/>

APLICANDO O CONHECIMENTO

Vimos que um Ambiente Virtual de Aprendizagem, assim como as bibliotecas digitais e os portais educacionais, são espaços que comportam informações, ou seja, possuem elementos comuns. Nosso objetivo é estabelecer uma comparação entre estes três espaços de aprendizagem, a partir de uma análise detalhada. Desta maneira nossa atividade será organizada em quatro etapas:

Etapa 01: nossa primeira tarefa é conhecer e analisar uma biblioteca digital ou um Portal de Periódicos. Você tem a liberdade de escolher, entre os endereços mencionados anteriormente, a biblioteca ou Portal de seu interesse. Como sugestão, indicamos o Portal de Periódicos da Capes (www.periodicos.capes.gov.br), por disponibilizarmos o seu tutorial no ambiente Moodle da disciplina.

Para acessá-lo, entre pela página da UFSM (www.ufsm.com.br), no link Periódicos Capes, conforme tutorial. Você deverá previamente escolher um tema para sua pesquisa e então, a partir deste assunto, buscar conhecer o(s) material(s) disponível nos ambientes. Lembre de ir definindo um “assunto”, para assim, irmos construindo a fundamentação teórica do projeto de pesquisa a ser desenvolvido.

Não esqueça de registrar em seus apontamentos os dados do artigo ou outro tipo de documento pesquisado. Se preferir, poderá organizá-los em uma ficha de leitura, como visto na Unidade 01.

Etapa 02: Outro tipo de Portal são os Portais educacionais, onde, além de um contexto virtual para pesquisas de artigos ou similar, é um canal de comunicação mais direto. Se preferir, aproveite a lista de endereços que você mesmo organizou, escolha para essa segunda etapa, um portal educacional e então, análise de acordo com os critérios de avaliação. Como sugestão, indicamos o Educarede (<http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm>). Não esqueça que estes endereços disponibilizados são apenas sugestões, ou seja, você pode preferir acessar outro site.

Etapa 03: como abordamos anteriormente, o ambiente Moodle, referente à disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação, através da estrutura do ambiente e da disponibilização de arquivos, também se constitui em um repositório de informações. Sendo assim, da mesma forma e seguindo os mesmos critérios da Etapa 01, nosso objetivo para esta atividade é analisar nosso próprio ambiente de aula. Cabe ressaltar que talvez você não encontre, no ambiente da disciplina, materiais referente ao assunto delimitado. Porém, você poderá fazer sua própria análise, e ao mesmo tempo disponibilizar novas informações a serem compartilhadas com o grupo.

SAIBA MAIS

Links Interessantes:

MUSEU DA INFÂNCIA

Este site contém acervo de produção científica e artístico cultural sobre a Infância, da Infância e para a Infância, visando contribuir para a formação e atuação profissional de professores, pesquisadores, público infantil e demais interessados. Possui também um espaço para envio de sugestões e Fórum, objetivando a interação com o público.

Site: <http://www.museudainfancia.unesc.net/>

ABRINQUEDOTECA

Site da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos – ABRINQU, onde encontramos diversas informações sobre brincar, brinquedos e brincadeiras. Sugestões de dinâmicas, brinquedos artesanais e industrializados, artigos para consulta, entre outras informações. Possui fórum de discussão e relação de Brinquedotecas de todo Brasil.

Site: <http://www.abrinquedoteca.com.br/>

ZIG ZIG ZÁ

Este site nos apresenta a ZigZigZá, uma empresa que tem por objetivo unir a ludicidade à tecnologia na criação de sistemas eficientes de transmissão de conteúdos empresariais e educacionais. Disponibiliza orientação, consultoria, planejamento, elaboração e desenvolvimento de jogos, atividades e ambientes lúdicos, além de consultoria na elaboração de projetos de brinquedotecas.

Site: <http://www.zigzigza.com.br>

AQUARELA

O curta “Aquarela” produzido para a música de Toquinho, mostra-nos como é bela e incansável a imaginação infantil, que se alimenta de brincadeiras e sonhos! Com imagens belas e delicadas faz uma viagem desde nossa infância até o dia em que, adultos, deixamos nossa “aquarela” descolorir por não ter tempo de “imaginar”... Site: <http://www.laboratoriodedesenhos.com.br/aquarela.htm>

Etapa 04: a quarta etapa consiste em analisar os três ambientes. E, então, de acordo com os critérios de avaliação e, a partir dos dados observados e registrados, você deve organizar um texto, mostrando os aspectos positivos e negativos de cada espaço de aprendizagem. Embora cada proposta de atividade (etapa) possua a sua especificidade, procure, sempre que possível, estabelecer uma associação de idéias entre os ambientes.

São 04 os critérios de avaliação:

1. Autoria/Credibilidade/

Verificar:

Quem é o responsável pelo ambiente? Uma pessoa ou uma instituição?

É um site “.com” (comercial), “.gov” (governamental) ou “.org” (organização não governamental)?

2. Intencionalidade

Verificar:

Com que objetivo o ambiente teria sido criado? Para informar, vender, promover algo ou alguém, para convencer? Enfim, qual o objetivo?

3. Conteúdo/Contexto

Verificar:

O ambiente abrange todas as questões relativas ao assunto?

Está adequado aos objetivos do “projeto” que você está desenvolvendo no momento?

Tem um conteúdo diferenciado em relação aos outros?

Oferece link (acessos) interessantes? Dá condições para você ampliar sua pesquisa?

4. Navegabilidade/Design

Verificar:

É um ambiente de fácil navegação?

Os links são facilmente acessados?

As ferramentas são de fácil compreensão? O ambiente apresenta algum tutorial para auxiliar a navegação?

Enfim, o ambiente é agradável?

Nome do avaliador:

Data:

NOME E ENDEREÇO DO AMBIENTE	AUTORIA/ REDIBILIDADE	INTENCIONALIDADE	CONTEÚDO/ CONTEXTO	NAVEGABILIDADE/ DESIGN
1.				
2.				
3.				

 SAIBA MAIS

Links Interessantes:

EDUCACIONAL

Muito consultado por profissionais da área educacional, o site apresenta conteúdo que vai da Educação Infantil até o Ensino Médio. Contém jogos, planos de ensino, projetos educacionais, artigos, entrevistas com profissionais da educação, atualidades, e sugestões para serem trabalhadas em datas comemorativas. Em algumas áreas de acesso restrito, exige cadastramento do usuário.

Site: http://www.educacional.com.br/catalogo/catalogo_lista.asp?id=858&pg=1

JOGOS TRADICIONAIS

O site possui jogos de domínio público que evoluíram ao longo dos séculos. De Ludo a Go, passando por Damas, Gamão, Mancalas, etc., contém regras, origens, história e curiosidades de diferentes jogos.

Site: http://www.ludomania.com.br/Tradicionais/jogos_tradicionais.html

IPA ARGENTINA – ASOCIACIÓN INTERNACIONAL POR EL DERECHO DEL NIÑO A JUGAR

A IPA Argentina é uma organização internacional não governamental vinculada à IPA World, fundada na Dinamarca em 1961 e voltada à defesa do direito da criança brincar. Situada em Buenos Aires, na Argentina, possui uma Juegoteca Integral, onde articula espaços de jogo ao espaço de formação lúdica e ao espaço de projetos lúdico-criativos, de desenho e investigação do jogo e do brinquedo. Através de um informativo mensal denominado Boletim IPA divulga ações e artigos em torno do brincar.

Site: <http://www.ipaargentina.org.ar/quees.php>

REFERÊNCIAS - QUARTA SEMANA

Axt, Margarete. **Comunidades Virtuais de Aprendizagem**. In: Informática na educação: teoria & prática, Tecnologia Digital na Educação, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 111 – 116, jan./jun. 2004.

BERTAGNOLLI, Silvia et al. **Bibliotecas Digitais Integradas a Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. In: Revista Renote, v.5, n. 2, dez, 2007.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco . **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PALLOFF, Rena e PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: Estratégias eficientes para salas de aula on-line**. Traduzido por Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROCHA, Karla Marques da. **Estudo sobre a constituição de um Sistema Social em Ambiente Virtual de Aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Tese (Doutorado em Informática na Educação), Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, 2008.

WILEY, C., 2003. Disponível em: <<http://www.reusability.org/read/chapters/wiley.doc>> Acesso em 12 jul. 2009.

SAIBA MAIS

Links Interessantes:

SCIPIONE

Trata-se de um site com dicas de oficinas, livros, galeria, artigos. Tem um espaço especial para educadores, com catálogos e linhas de pesquisas.

O link "galeria", em "scipione educação", dispõe de ótimas ilustrações sobre temáticas diversas.

Site: <http://www.scipione.com.br>

PORTAL EDUKBR

Edukbr é um portal com sites interessantes sobre projetos, literatura, jogos, atividades educacionais, artigos e orientações para pais e educadores. Estes últimos poderão encontrar assuntos e dicas interessantes para trabalhar com as crianças, elas por sua vez poderão se divertir com as atividades, jogos, leituras e criações de desenhos, textos que o portal incentiva.

Especial atenção ao 'Salão de jogos', 'Celeiro de Projetos' e 'Oficina de aprendizagem'.

Site: <http://www.edukbr.com.br>

CENTRO INFANTIL BOLDRINI – BRINQUEDOTECA TERAPÊUTICA AYRTON SENNA

A Brinquedoteca Ayrton Senna do Centro Infantil Boldrini, em Campinas – Brasil, foi criada para oferecer às crianças e aos jovens a oportunidade de brincar, imaginar, descobrir, inventar, através do acesso a brinquedos, jogos, livros e oficinas de arte. Nela, os diferentes cantos contemplam a diversidade de interesses de crianças e jovens. Há o canto dos bebês, o canto do faz-de-conta, o canto do teatro e música, além dos cantos de jogos, de leitura e de informática.

Site: www.boldrini.org.br/site/estrutura_brinquedoteca.asp

e-mail: brinquedoteca@boldrini.org.br

unidade 3

PESQUISA ESCOLAR

EMENTA

Abordar a organização e a estrutura da pesquisa escolar como processo de ensino e de aprendizagem.

OBJETIVO GERAL

Conhecer a metodologia da pesquisa escolar, a partir da seleção, organização, elaboração e socialização das informações, respeitando a ética e a estética da pesquisa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a metodologia da pesquisa, com enfoque na prática escolar;
- Auxiliar o aluno na compreensão dos procedimentos de seleção, organização e elaboração da pesquisa escolar;
- Observar as etapas da normatização e socialização de uma pesquisa;
- Proporcionar atividades que possibilitem a relação entre a teoria e a prática escolar.

QUINTA SEMANA DE AULA

Continuando a construção do nosso conhecimento à respeito do mundo e assim, através da disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação, temos como **meta** para esta semana:

- Perceber que o ato de pesquisar, é uma mudança de atitude, ou seja, vai além das possibilidades oferecidas, além dos problemas conhecidos;
- Compreender a importância da pesquisa escolar para o acesso a informação;
- Entender as etapas para a elaboração de um projeto de pesquisa no contexto da sala de aula.

CONSTRUINDO NOSSO CONHECIMENTO

Tomando como base as idéias do texto introdutório da nossa disciplina e os estudos vistos até aqui, podemos dizer que pesquisar é uma maneira de conhecer novos espaços. É um procedimento sistemático, que através de um método de pensamento reflexivo, procura abordar objetivos para a busca de respostas aos problemas emergentes. Então, pesquisar implica ir além do visível, além das possibilidades que são oferecidas, além dos problemas conhecidos, portanto, é a conquista de um “modo de ser”, onde a curiosidade e a autonomia perpassam a ação e construção de novos conhecimentos.

Minayo (1994, p.19), conceitua a pesquisa sob um prisma mais filosófico, em que a considera como

atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

Demo (1996, p.34), insere a pesquisa como atividade cotidiana considerando-a como uma atitude, um “questionamento sistemático, crítico e criativo, a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Para Gil (2002, p.11), a pesquisa tem um caráter pragmático, é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Afirma que a meta fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Então, podemos dizer que pesquisa é um conjunto de ações, ou seja, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm como base, procedimentos racionais e, como visto, sistemáticos. Desta forma, seu principal objetivo é contribuir com o avanço da ciência.

Entre os tipos de pesquisas que vem sendo utilizada na área da educação, podemos pontuar os estudos que focalizam as situações específicas do cotidiano escolar.

A pesquisa escolar constitui uma das principais atividades realizadas no processo de ensino e de aprendizagem, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Propõe-se, dentre os princípios básicos, auxiliar o aluno a estudar com independência, planejar, conviver e interagir em grupo, aceitar as opiniões dos outros, usar adequadamente a biblioteca, utilizar as fontes de consulta, desenvolver o pensamento crítico e o gosto pela leitura, adquirir autonomia no processo de conhecimento, aprender a trabalhar colaborativa e cooperativamente, entre outros (MORO e ESTABEL, 2004, p.02).

As mesmas autoras, por outro lado, comentam que as fontes a serem utilizadas para a realização da pesquisa escolar, podem ser apresentadas no suporte bibliográfico e no suporte eletrônico. É importante também a orientação dos professores e do bibliotecário nas estratégias de busca para localização dos assuntos que os alunos vão desenvolver na realização do trabalho escolar. A Pesquisa Escolar utilizando as Tecnologias de Informação e de Comunicação – TIC's estão presentes no cotidiano da escola. As TIC's devem estar adequadas para o nível de escolaridade em que o aluno se encontra. Torna-se, assim, importante que o professor e o bibliotecário oportunizem o acesso às ferramentas de pesquisa, estimulando os usuários a ampliar suas informações, desenvolver a curiosidade e o espírito crítico. As estratégias para o melhor uso das tecnologias devem propiciar a interação entre o bibliotecário, os professores e os alunos e estes entre si, criando um ambiente de estímulo e apoio às atividades de ensino e de aprendizagem.

De acordo com Almeida e Alonso (2007), atualmente vive-se em um mundo dominado pela informação e por processos que ocorrem de uma maneira muito rápida e imperceptível. Por isso, é importante que o aluno aprenda a buscar e a usar a informação, ao invés de simplesmente memorizá-la. Sendo assim, o computador se torna um excelente auxiliar para os alunos exercitarem “a capacidade de procurar e selecionar informação, resolver problemas e aprender independentemente.”

[...]a informática deverá assumir duplo papel na escola. Primeiro, deverá ser uma ferramenta de atuação, auxiliando cada um dos profissionais na realização de ações que contribuam para a mudança na escola. Em outros momentos, a Informática poderá ser usada para suportar a realização de uma pedagogia que proporcione a formação dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que serão fundamentais na sociedade do conhecimento. (VALENTE, 1999, p.43 apud FARIA, 2002, p.56).

No contexto da sala de aula, a relação entre professor e aluno se estrutura nos papéis de “quem ensina” e de “quem apreende”, no processo pedagógico. Na visão do professor, a pesquisa escolar, geralmente é utilizada mais como uma atividade escolar para ser avaliada no decorrer da unidade de estudo programada do que uma atividade onde o aluno vai utilizar e complementar os conhecimentos adquiridos. A pesquisa escolar poderá ser uma atividade em que os alunos tenham oportunidade de estudo independente, de planejamento de trabalho, de uso de fontes de informação, de desenvolver o pensamento crítico, de adquirir autonomia no processo de conhecimento, de aprender a trabalhar com seus colegas colaborando e contribuindo com o grupo, de sugerir, construir, elaborar, concluir, sentindo-se satisfeito com os resultados atingidos (MORO e ESTABEL, 2004).

No entanto, na maioria das vezes, a pesquisa escolar é vista como uma “tarefa a ser cumprida em tempo hábil” para avaliação do professor, onde os alunos desconhecem os procedimentos metodológicos e não recebem maiores orientações nem na sala de aula, através do professor e nem na biblioteca através do bibliotecário. Porém, atualmente, percebe-se uma preocupação dos professores na realização da pesquisa escolar, para que a mesma oportunize a aprendizagem para os alunos, novos conhecimentos, a interação com o grupo, a realização pessoal através de um trabalho bem elaborado.

Outra preocupação percebida por parte do professor é a adequada orientação quanto ao uso das TIC's para que os objetivos sejam alcançados. Até a década passada, para a realização da pesquisa escolar, os alunos buscavam as informações diretamente no material impresso, através das fontes bibliográficas disponíveis na biblioteca ou nas fontes pessoais, através da oralidade utilizando instrumentos, como: entrevistas, relatos, entre outros.

Hoje, as fontes se diversificaram e se multiplicaram através da Internet, considerada um facilitador ao acesso à informação. No entanto, as dificuldades aumentaram, pois exigem dos alunos uma reorganização e o uso de estratégias de busca para que os mesmos tenham condições de elaborar um trabalho escolar de qualidade e que oportunize uma situação de construção de conhecimentos. É necessário também qualificar o professor para orientar, acompanhar pesquisas do início ao fim, avaliando todo o processo. E, não apenas “solicitar o tema” e “receber a tarefa”. Portanto, ambos, professor e aluno, através da pesquisa, têm a oportunidade de experimentar novas possibilidades de construir o processo de ensino e aprendizagem, na medida em que se constitui a elaboração crítica de uma experiência, aquisição da capacidade de identificar problemas, analisá-los como método e expô-los segundo certas técnicas de comunicação.

De maneira geral, elaborar uma pesquisa, segundo Umberto Eco (2001), é identificar um tema, recolher documentação sobre ele, ordenar estes documentos, reexaminar o tema e os objetivos à luz da documentação recolhida, estruturar as reflexões precedentes, expor, através de uma linguagem clara e adequada para que o leitor compreenda o que se quis dizer. “É algo como por em ordem as próprias idéias e ordenar os dados”(SELBACH, 2005)

3. SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO DAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA ESCOLAR

O trabalho de seleção, organização e elaboração das informações proporciona ao aluno o envolvimento em um dado tema, de forma a analisar uma problemática social qualquer, à luz do arcabouço teórico-científico da pesquisa escolar. É, na verdade, um trabalho criativo por parte do aluno, que nesse contexto, descobrirá caminhos que o conduzirão ao acesso a informação. Sendo assim, organizamos um roteiro para a elaboração de um projeto de pesquisa que pretende auxiliar sua prática na escola.

3.1 PROJETO DE PESQUISA

O Projeto de Pesquisa foi concebido para ser uma versão preliminar do Trabalho que se vai realizar, é um esboço inicial do que se quer fazer. Serve para o acadêmico traçar um roteiro inicial daquilo que pretende que seja seu trabalho. Esse roteiro certamente sofrerá algumas modificações, alguns acréscimos, algumas melhorias, enfim, será aprimorado, principalmente depois de iniciadas as pesquisas e obtidas às orientações necessárias.

Por se tratar, ainda, de um projeto, o Projeto de Pesquisa é um trabalho que segue uma apresentação sequencial, ou seja, os elementos do corpo do trabalho propriamente dito são apresentados numa sequência única. São partes que variam de acordo com uma série de fatores. Deve-se levar em conta sua finalidade, seu público-alvo (para quem ele vai servir). Como cada instituição tem suas normas próprias, devemos nos adequar ao caso específico, porém de maneira geral ele se estrutura através das seguintes partes:

- escolha do tema;
- introdução ou definição do tema;
- problema de pesquisa;
- hipótese;
- objetivos;
- fundamentação teórica;

- metodologia de pesquisa;
- custos e orçamento;
- cronograma;
- referências;
- anexos

3.1.1 Escolha do Tema

A primeira coisa a fazer é definir de maneira clara e objetiva o tema, ou seja, o assunto sobre o qual versará o trabalho. Esta, geralmente, é uma delimitação ampla, porém com enfoque restrito. Por exemplo, se vamos pesquisar sobre Tecnologias da Informação e da Comunicação, devemos restringir nossa abrangência, enfocando as TIC's no contexto escolar, na disciplina de Geografia; na 8ª série, por exemplo.

Eco (2001) sugere algumas dicas para auxiliar o momento de escolher o tema de pesquisa. Em primeiro lugar é necessário que responda aos interesses do pesquisador. Alguém apaixonado por Espanhol terá dificuldade de pesquisar sobre História. Por isso, é muito importante a escolha do tema, pois é ele que trará a motivação para a constituição das etapas posteriores.

Da mesma forma, não adianta propor uma pesquisa sobre as TIC's no contexto escolar se na escola escolhida não existir um laboratório de informática, por menor que seja. Através de experiências na prática docente, observamos que a pesquisa se desenvolve mais facilmente quando se têm alguma noção do assunto escolhido. É mais difícil escrever sobre o que desconhecemos totalmente, dito de outra forma: o trabalho não flui. As fontes de pesquisa devem estar ao alcance do pesquisador. Alguns dias atrás, li uma reportagem no jornal Zero Hora (07/2009), em que o pesquisador estava, há um ano, viajando por países em que lhe proporcionassem a vivência com situações de pobreza, para, assim, vivenciar várias realidades e então, escrever sua tese de doutorado. Por isso a necessidade de adequar o tema as fontes que estão disponíveis.

Ainda, segundo Eco (2001), a melhor maneira de se trabalhar com um tema é delimitando-o e tentando conhecer de forma mais aprofundada seu objeto de pesquisa. "Embora ele deva fazer parte de um panorama geral do conhecimento, devemos "afunilar" o campo de atuação".

DICA:

Ao longo do curso é importante irmos identificando o(s) assunto(s) que mais despertam nosso interesse e a partir, então, construirmos nosso conhecimento. Desta forma, quando for o momento de fazer o trabalho de conclusão, teremos subsídios para corroborar.

Neste contexto, podemos dizer que o lugar onde o tema se define é no título, portanto o título especifica o que queremos fazer.

Exemplo:

- Egressos do Curso de Espanhol/Literaturas – UFSM (específico);
- Compreensão do Mundo a partir do Estudo do Lugar (vago)

CONSTRUINDO NOSSO CONHECIMENTO:

Como escolher um tema? Essa é uma questão recorrente no planejamento, sobretudo no trabalho com projetos. Os problemas ou a temática podem surgir do professor, do grupo de alunos ou do próprio contexto social. O importante é garantir que essa temática se transforme em uma questão significativa para a turma e, para isso, o professor é fundamental, pois é o fio condutor para o grupo avançar. Então, a partir de seu contexto de sala de aula, eleja um tema para orientar o seu trabalho de pesquisa. Anote nos seus apontamentos. Reavalie. Volte a defini-lo. Se preferir, poderá utilizar o(s) assunto(s) que você enfocou nas atividades da Unidade II.

3.1.2 Introdução ou delimitação do tema

Após a definição do tema você deve contextualizá-lo, conceituando suas principais partes. Procure sempre iniciar do geral para o específico “É como aterrizar um avião, ele vem perdendo altura e diminuindo a velocidade até tocar as rodas no chão, suavemente” (SELBACH, 2005). Procure explicar os motivos que levam a escolha do tema.

Exemplo:

A geografia estuda o espaço, sua organização, as relações do homem com a natureza. Ela vem, cada vez mais, perpassando outras áreas do conhecimento, como a filosofia, antropologia, psicologia e especialmente na área educacional, como resultado de pesquisas, estudos e aplicações teórico-práticas, visando o acoplamento do homem ao meio.

DICA:

Segundo Selbach (2005), nesta hora você deve utilizar o dicionário para melhor entender o que deseja estudar.

Para a construção do conhecimento profissional é importante o conhecimento do contexto escolar, já que na maioria dos casos, constitui-se como ambiente de trabalho do futuro docente.

Sendo assim, cabe ao aluno a percepção desse *locus* de subjetividades, onde o trabalho é uma consequência e não um fim.

Neste contexto, é nosso objetivo realizar um estudo sobre a prática da pesquisa como atividade de aprendizagem nas aulas da disciplina de Geografia, ministradas para o 8º ano do ensino fundamental da Escola X, de Santa Maria.

Agora é sua vez: a partir do tema escolhido, procure explicá-lo, contextualize o que você deseja estudar. Conceitue. Fale sobre, se familiarize com o mesmo, trazendo para perto de seu contexto, enfim “abra um caminho”, “uma janela” sobre o assunto em foco.

3.1.3 Problema de pesquisa ou questão de pesquisa

Se você não tem um problema, arranje um. Problema de Pesquisa são questionamentos e dúvidas que o trabalho se propõe a resolver, portanto, procure formular perguntas ao assunto proposto. Indague se o problema é original, relevante, adequado, e, especialmente, se há possibilidades reais de executar o estudo.

Exemplo:

Como acoplar a prática da pesquisa nas aulas de Geografia do 8º ano do ensino fundamental, da escola X, de Santa Maria?

A partir do tema definido, pergunte para si mesmo o que realmente lhe traz curiosidade e questionamentos. Pois este é o seu problema, é o que nos motiva a pesquisar para assim, descobrir. Acrescente o seu Problema de Pesquisa ou Questão de Pesquisa logo após o Tema e a Introdução.

3.1.4 Hipótese

Hipóteses são as possíveis respostas que o pesquisador irá encontrar. É o que ele acredita que vai acontecer. Selbach (2005) vai de encontro com a formulação de hipóteses e ainda acrescenta uma comparação ao dizer que

é como estar na fila do cinema e alguém passar comentando que no final do filme o mocinho morre [...] Portanto, não dê a importância que a hipótese não merece [...] preocupe-se em como fazer a pesquisa, que tipos de dados levantar [...]. Porém se for necessário construir hipótese veja o problema de pesquisa e responda num típico exercício de futurologia (p.23).

Exemplo:

- Os alunos do 8º ano do ensino fundamental, da escola X, de Santa Maria realizam atividades de pesquisa na disciplina de Geografia, desde que se identifiquem com o tema sugerido;
- Não havendo interesse por parte dos alunos em relação ao assunto sugerido pelo professor, os mesmos não têm motivação para pesquisar, investigar e construir conhecimento, o que resulta a não realização da “tarefa”.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

3.1.5 Objetivos

É a definição, com precisão e clareza, das metas, propósitos, pretensão do que você pretende com a pesquisa. Na minha prática docente, muitas vezes deparei com alunos que objetivavam pesquisar A, porém analisavam B e concluíam C. Ao traçar objetivos A, teremos que analisar A e concluir A. "Existem também muitos livros que trazem na apresentação ou na introdução uma plêiade (significa reunião) de questões que diz analisar, mas não analisa, ou quando a faz é de maneira superficial" (SELBACH, 2005, p.24).

Para escrever os objetivos a melhor maneira é separá-los em:

- Objetivo geral;
- Objetivos específicos

O primeiro é o fim que se pretende alcançar. Já o segundo, como o nome diz, é o detalhamento, desmembramento, especificação do objetivo geral em outros – os Específicos.

DICA:

Os Objetivos Específicos são instrumentais para o Objetivo Geral e dão uma visão que pode estruturar o próprio Tema.

Exemplo:

- Objetivo Geral: Realizar um estudo e propor alternativas sobre a prática da pesquisa como atividade de aprendizagem nas aulas da disciplina de Geografia, ministradas para o 8º ano do ensino fundamental da Escola X, de Santa Maria.
- Objetivos específicos
 - Identificar as atividades realizadas na disciplina de Geografia no 8º ano do ensino fundamental da Escola X, de Santa Maria;
 - Verificar as atividades realizadas na disciplina de Geografia, e, sua relação com a pesquisa;
 - Delinear uma proposta de atividades de pesquisa que proporcione a construção do conhecimento, na área da Geografia.

CONSTRUA SEUS OBJETIVOS: Para finalizar esta semana, procure fazer seus apontamentos referentes ao Objetivo Geral e Específicos. Lembre-se que o primeiro é o fim que se almeja encontrar e o segundo são instrumentais para o primeiro. Podem ser colocados em tópicos, e, devem explicar passo a passo o que você vai fazer para resolver a sua questão de pesquisa.

Se você observar detalhadamente poderá perceber que os itens do Projeto vão se encadeando, pois um depende do outro. Um contém o outro e todos estão contidos na sua questão central.

REFERÊNCIAS - QUINTA SEMANA

Almeida, Maria E.; ALONSO, Myrtes et al. **Tecnologias na Formação e na Gestão Escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1996

ECO, Humberto. **Como se Faz uma Tese**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 16 ed., São Paulo: Perspectiva, 2001.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORO, E.L.; ESTABEL, L.B. **A Pesquisa Escolar Propiciando a Integração dos Alunos, Educadores, Bibliotecários – Irradiando o Benefício Coletivo e a Cidadania em um Ambiente de Aprendizagem Mediado pelo Computador**. In: RENOTE, vol. 1, 2004. Disponível em: http://www.cinted.ufrgs.br/renote/mar2004/artigos/03-pesquisa_escolar.pdf. Acesso em jul. de 2009.

SELBACH, Jeferson. **Pesquisa sem Frescura**. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2005.

SEXTA SEMANA DE AULA

Prosseguindo no estudo referente às etapas para a construção de um projeto de pesquisa escolar, nesta sexta semana de aula, aprofundaremos nossos conhecimentos, visando estabelecer as seguintes **metas**:

- Estabelecer um diálogo entre a teoria e o problema estudado;
- Abordar as diferentes metodologias para a execução de uma pesquisa no contexto escolar;
- Organizar e construir um instrumento para coleta de dados.

3.1.6 Fundamentação teórica ou referencial teórico

Trata-se da apresentação do embasamento teórico sobre o qual se fundamentará o trabalho. É como se fosse um diálogo entre o tema escolhido e o que os autores disseram, dessa forma, você estará contextualizando seu objeto de pesquisa. E, fazendo o que muitos autores chamam como “estado da arte”. Dito de outra forma: são os pressupostos que darão suporte a abordagem do Trabalho. Selbach (2005) nos fala

que deve ser evitado o fato de discorrer, por exemplo, 80% de discussão sobre a teoria que embasa um assunto e deixar apenas 20% para discutir o fato em si. O engraçado é que muitos discutem magnificamente uma teoria e na hora de mostrar na prática são vazios de conteúdo, uma “mala vazia” como diriam os franceses. Trazem toda uma metodologia inovadora na teoria e no “vamos ver” não acrescentam nada de novo. Transvestem de uma nova roupagem modos de fazer pesquisa antigos (p.28-29)

Portanto, o importante é procurar realizar um diálogo entre teoria e o problema a ser investigado. É, nessa etapa, como já vimos na unidade I, que precisamos nos auxiliar das fontes de pesquisa como as bibliotecas (através dos livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso, monografias de curso de especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado, vídeos, entre outros documentos e ferramentas como, por exemplo: as fichas de leitura, mapas conceituais (para poder organizar os conceitos a serem abordados), resumos, sempre lembrando as estratégias para um bom aproveitamento da leitura.

Na escrita, procure colocar as idéias dos autores de forma encadeada, ligando e articulando uma citação com outra, caso contrário, as idéias vão ficar desconexas. Para isso, procure “quebrar” as citações diretas e acrescentar “links” (pensamentos) que remetem o leitor a outros conhecimentos que você tenha. É como abrir uma “janela” dentro de outra “janela”, assim como fazemos na Internet. Dito de outra forma: são os nossos hiperlinks. E, para isso, podemos nos auxiliar dos verbos e expressões de ligação, como por exemplo: e, assim, assim como, então, nesse contexto, desta forma, desta ma-

neira, desta feita. Se você analisar mais detalhadamente a minha forma de escrever, perceberá o uso de tais recursos, pois o exemplo do “assim” e do “e”, você encontra nesse mesmo parágrafo.

Outra dica importante é sempre ler a introdução ou apresentação em livros, artigos, etc., pois geralmente trazem palavras interessantes, onde o autor especifica cada parte do capítulo. Em periódicos, esta parte é normalmente chamada de Editorial.

Como já abordamos, na unidade I, na seção Fichas de leitura, uma *Citação Direta* - é a transcrição literal, sem mudar nenhuma palavra ou estrutura daquilo que o autor escreveu. Já em uma *Citação Indireta* – se modificam as palavras do autor sem tirar o sentido. São aconselháveis para textos longos onde se quer abordar o ponto central da idéia do autor.

ATIVIDADE:

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as **atividades** referentes aos assuntos vistos até aqui.

3.1.7 Metodologia da pesquisa.

Como fazer uma pesquisa escolar?

A metodologia da pesquisa é o modo de como fazer a pesquisa. É uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizadas. Portanto, a metodologia talvez seja o item mais importante da pesquisa, já que será a estrutura de sua organização.

Segundo Minayo (2004, p.16) “Metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Seguindo esta visão, a metodologia inclui a possibilidade de construção da realidade e o potencial criativo do investigador. Ainda, no contexto desta citação, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Podemos ter um tema interessante e usarmos um método simples demais, por outro lado, podemos ter um tema conhecido, mas olharmos sob outro prisma.

Por isso, antes de propormos uma metodologia é necessário conhecer o(s) ambiente(s) a ser pesquisado(s), especialmente para nos certificarmos se aquilo que queremos conhecer e analisar, de fato existe. Feito essa exploração de campo, devemos definir uma amostragem (parte representante de um todo), levando-se em consideração que nunca conseguiremos a totalidade daquilo que pretendemos analisar. Mesmo em uma pequena pesquisa de professores de uma escola, pode acontecer de não conseguirmos obter os dados totais. Portanto, a amostra, como o nome já diz, é uma pequena parcela do todo (GIL, 2002). Por isso, é importante que ela seja representativa.

O passo seguinte é definir os instrumentos de pesquisa ou a técnica da coleta de dados. Existem diversos modos de buscar essa informação e podemos utilizar uma ou mais formas.

Segundo Selbach (2005), existem vários tipos de metodologia que podem ser empregadas, de acordo com a situação e opção pessoal. Elas se dividem em:

a) Experimental

É aquela pesquisa que permite ao pesquisador provocar e produzir fenômenos em condições de controle, com a finalidade de observar, analisar e interpretar reações e alterações ocorridas no seu objeto de pesquisa. Consiste em experimentar, fazer experiência, através de uma amostragem. Na experimental se tem a de laboratório, onde pode-se experimentar uma entidade física (líquidos, bactérias, animais) ou objetos sociais (pessoas, grupos ou instituições). Neste caso, é necessário ser aprovado antes, muitas vezes por um conselho de ética.

b) Não experimental

Neste tipo de pesquisa não se manipula variáveis, mas as isola, não se provoca eventos, mas observa-se e registra-se. Podem ser:

- **bibliográfica**, é um tipo de pesquisa não experimental constituída por fontes bibliográficas, como: livros, artigos, resenhas, etc. Praticamente todos os tipos de pesquisa se utilizam dessas fontes para escrever o referencial teórico, portanto, realizam também uma pesquisa bibliográfica. Segundo Selbach (2005),
as dicas de como proceder neste tipo de metodologia são idênticas ao como montar um referencial teórico (uso da biblioteca, fichas de leitura, organização do material por assunto, etc.). Uma sugestão para aqueles que querem fazer uma pesquisa bibliográfica, é consultar, além de obras sobre o tema pesquisado, um especialista na área. Por exemplo, num trabalho sobre Machado de Assis, fica interessante entrevistar um crítico literário especialista em obras desse escritor. É uma forma bem simples de cruzar métodos para melhor cercar o objeto de pesquisa (p.43).
- **documental**, é semelhante à pesquisa bibliográfica, porém difere pelas fontes que utiliza. Na pesquisa documental se costuma dizer que são documentos históricos de primeira mão: atas do poder executivo, leis do legislativo, manchetes de jornal, correspondência de pessoas comuns, entre outros. É muito comum este tipo de pesquisa para quem trabalha com História. As fontes de segunda mão são os dados estatísticos, levantados periodicamente por entidades públicas e privadas, como exemplo, o censo do IBGE. Segundo o mesmo autor, estes dados são muito utilizados por estatísticos e economistas, que baseiam sua análise em algo quantificável.

Para áreas humanas a *entrevista* é o método mais recomendado. Cabe ressaltar que a técnica da entrevista não é só utilizada pela pesquisa experimental, ou seja, pode ser abordada por outros tipos de pesquisas. Dada a importância e utilização da técnica da entrevista, cabe aqui maiores detalhamentos. Assim, de acordo com Gil (2002), a entrevista pode ser conceituada como uma forma de diálogo entre o pesquisador e o pesquisado. A seguir, selecionamos algumas dicas para obtenção de melhores resultados:

DICA:

- Procure um ambiente propício para a realização da entrevista e questionário;
- Cuide para que o entrevistado não seja interrompido;
- Na conversa, procure não desviar do assunto em pauta;
- Ouça tudo com atenção e anote o máximo que puder. Se possível, utilize um gravador (com autorização prévia);
- Leve anotados os tópicos a serem questionados.

Outra técnica muito utilizada é a do *questionário*, especialmente por permitir que se pesquise um grande número de pessoas, preservando o anonimato. Esta técnica não é recomendada para um pequeno número de pessoas, por exemplo, menos de dez pessoas. O questionário pode ser montado com perguntas abertas e/ou fechadas.

- perguntas abertas: aquelas perguntas em que as pessoas podem responder livremente;
- perguntas fechadas: tipo de questionário em que a pessoa tem alternativas para escolher as respostas. Em ambas as formas de questionário, as perguntas devem ser claras e bem articuladas. O mesmo pode ser estruturado da seguinte forma:
 - Cabeçalho com o nome da instituição e curso a que o pesquisador está vinculado;
 - Texto inicial apresentando o pesquisador e expondo o objetivo da pesquisa;
 - Dados de identificação: são os dados pessoais que você deve procurar saber a respeito do entrevistado. Como por exemplo: idade, profissão, sexo, bairro onde mora, escolaridade, local de trabalho, etc. Não esqueça que o nome do entrevistado não deve constar.

As demais perguntas do questionário devem ser estruturadas de forma que haja uma sequência lógica, das mais simples às mais complexas.

 **SAIBA MAIS**

Lembrete: Lembre sempre de fazer a ligação das citações com seu tema de pesquisa. E, com o cuidado de fazer associações de idéias entre os parágrafos, ou seja, cuidar para que não fiquem desarticulados.

Uma variante do questionário é a chamada pesquisa de *opinião ou de atitude*. Servem para verificar as atitudes, pontos de vista e preferências que tem as pessoas (SELBACH, 2005). Podem aparecer como pesquisa de motivação e pesquisa para análise de trabalho. Outra variante é o *levantamento*, que nada mais é do que uma interrogação direta, como exemplo, o Censo, onde se seleciona uma amostra da população para projetar a totalidade do universo investigada.

Quanto aos aspectos positivos do questionário, podemos destacar a economia e a rapidez. Nos aspectos negativos, destaca-se a percepção subjetiva da realidade por parte dos entrevistados, pouca profundidade no estudo da estrutura e dos procedimentos sociais e limitada apreensão dos processos de mudança (Idem, ibidem., p.48).

OBSERVAÇÃO: a expressão Idem significa: o mesmo autor e Ibidem: no mesmo lugar, na mesma obra. Então, a citação direta feita anteriormente é de Selbach, em sua obra referente ao ano de 2005.

c) *Estudo de caso*

É a pesquisa que permite uma análise mais abrangente com um número pequeno de elementos (YIN, 2005).

A pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Existem literaturas independentes e detalhadas sobre o grande número de métodos e de abordagens classificados como pesquisa qualitativa, tais como o **estudo de caso** (grifo nosso), política e ética, a investigação participante, os métodos visuais e a análise interpretativa (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.16).

OBSERVAÇÃO: na citação que fiz de Denzin e Lincoln (2006), quis destacar a expressão Estudo de Caso, então, coloquei em negrito e entre parêntese acrescentei: grifo nosso. Ou seja, quem destacou a expressão, fui eu, e não os autores.

O termo “estudo de caso” vem de uma tradição de pesquisa médica e psicológica, a qual se refere a uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença determinada. Este método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso. Adaptado da tradição médica, o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais (GOLDENBERG, 2000).

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, e com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (Ibid., p.32).

O estudo de caso não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Segundo Minayo (1994, p. 43), uma pergunta importante neste item é “quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado? A amostra boa é aquela que possibilita abranger uma totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões”.

d) Pesquisa-ação

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social, concebida e realizada em associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores, e, os participantes representativos da situação ou problema, estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (GIL, 2002, p.14).

É uma pesquisa que pressupõe a inserção num determinado ambiente que se pretende investigar, de alguma maneira é uma pesquisa participante. Na pesquisa-ação, ocorre uma ação por parte dos pesquisadores. Os pesquisadores têm papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e avaliação das ações, organizando assim sua ação

e) Pesquisa etnográfica

É uma técnica para coletar dados sobre valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos. Dito de outra forma: é uma descrição cultural de determinado grupo social. Deve-se contextualizar o fenômeno estudado, enfatizando o processo e não o resultado. Busca acima de tudo, retratar a visão dos pesquisados, por isso a necessidade de se ter um contato direto e prolongado com os participantes.

Qualquer que seja a metodologia adotada, para qualquer tipo de pesquisa é necessário buscar subsídios em leituras teóricas, autores que se utilizaram de determinada forma de pesquisar e que embasam a futura pesquisa. “É recomendado que isto esteja escrito na pesquisa” (SELBACH, 2005)

APLICANDO O CONHECIMENTO:

Você pôde perceber que vários são os tipos de pesquisa e, portanto, são diversas as metodologias que podem nos auxiliar na hora da coleta de dados. Tendo em vista a n’ossa tarefa inicial, ou seja, aprender a elaborar um projeto de pesquisa no contexto escolar, sugiro o auxílio do questionário ou da entrevista para a etapa da metodologia de trabalho (pesquisa). Então, você poderá montar um questionário (aberto, fechado ou misto), contendo em torno de dez perguntas a respeito do tema escolhido. O mesmo deverá ser aplicado em um grupo de pessoas previamente selecionadas. No item Anexo, procurei elaborar um modelo de questionário, que além de servir como referencial, deverá ser respondido por cada um de vocês, para que tenham a oportunidade de vivenciar a metodologia e assim, como nos fala o texto inicial – O Pesquisador e experimentador, experimentar a melhor forma de investigar, conforme nossos objetivos e maneiras de encontrar a resposta para um problema.

SAIBA MAIS

Para alguns autores, como Furasté (2007) o uso de entrevistas, questionário, pesquisa de opinião, estudos de satisfação, se enquadram como pesquisa de campo. A pesquisa de campo, busca reconhecer aspectos importantes e peculiares do comportamento humano em sociedade.

REFERÊNCIAS - SEXTA SEMANA

FURASTÉ, Pedro A. Normas **Técnicas para o Trabalho Científico: elaboração e formatação**. 14 ed. Porto Alegre: s.n., 2007.

DENZIN, Norman; LINCOLN Yvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. São Paulo: Artmed, 2006.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDBERG, M.W.; SALARI, S. **Na Update on WebCT (world-wide-web course tools) – a tool for the creation of sophisticated Web-based learning environments**. In: NAUWEB´97: Current practices in web based course development, Arizona.Proceedings, 2000 Disponível em: <<http://star.ucc.nau.edu/~nauweb97/papers/godberg/goldberg.html>> Acesso em: 06 jan.2007

MINAYO, Maria Cecília (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SELBACH, Jeferson. **Pesquisa sem Frescura**. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Traduzido por Daniel Grassi. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

SÉTIMA SEMANA DE AULA

Dando continuidade às duas semanas anteriores, em que abordamos o Tema, Introdução, Questão de pesquisa, Hipóteses, Objetivos, Referencial Teórico e as Metodologias possíveis para a construção de um projeto de pesquisa, propomos, como **meta** para essa sétima semana de aula, as seguintes questões:

- Conhecer as possibilidades para prever os custos e orçamento de um projeto de pesquisa;
- Organizar um cronograma de atividades previstas para uma pesquisa escolar;
- Conhecer as normas técnicas para referenciar um documento;
- Compreender quais documentos são considerados como Anexo(s);
- Aprender a confeccionar uma Capa e Folha de Rosto, imprescindíveis para um trabalho científico.

3.1.8 CUSTOS E ORÇAMENTO

Para projetos que exigem financiamento especial para a compra de material, como ocorre com laboratórios ou clínicas, é necessário que este item conste no seu projeto de pesquisa, caso contrário, ele será desnecessário. Da mesma forma, se necessário, o pagamento de pessoas (como exemplo, bolsistas) for necessário para ajudar nos trabalhos.

DISCRIMINAÇÃO	VALOR(EM REAIS)	ORIGEM DOS RECURSOS(****)
Material de Consumo (*)		
Material Permanente (**)		
Serviços de Terceiros (***)		
TOTAL TOTAL (em R\$)		

(*) Inclui: material de escritório, compra de livros, material para impressão, capas, caneta, passagem de ônibus, combustível, etc..

(**) Inclui: impressora, computador, etc.

(***) Inclui: salários, honorários, telefone e reprografias.

Cabe salientar que se este item não se adequar ao seu projeto, não será necessário mencioná-lo, ou seja, passe direto a elaboração do cronograma.

3.1.9 Cronograma

O cronograma é a representação gráfica da previsão da execução de um trabalho, no qual se indicam os prazos em que se deverão executar as suas diversas fases, ou seja, é o tempo necessário para realização de cada uma das etapas propostas, em forma de gráfico.

ETAPAS DO TRABALHO	D	I	A	S	/	M	Ê	S	
Escolha do assunto e delimitação do tema									
Levantamento bibliográfico e revisão da literatura									
Elaboração dos instrumentos de coleta de dados									
Coleta de dados									
Tabulação de dados									
Análise dos dados									
Elaboração do relatório final									

Este é o momento de organizar a sua agenda, portanto, elabore o seu próprio cronograma, a partir das etapas abordadas e, por você vivenciadas.

3.1.10 Referências

De acordo com Furasté (2007) e ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas), referência de um trabalho é um conjunto padronizado de elementos descritivos, tirados de um documento, que permite a sua identificação individual, ou seja, é a parte do trabalho em que se dispõe em **ordem alfabética** a lista dos livros, periódicos ou artigos citados. Para referenciar um documento, podemos proceder da seguinte maneira:

SOBRENOME, Nome do autor. Título da obra (pode ser em negrito ou itálico). Tradutor (quando houver), Edição (se for a primeira não precisa aparecer), local da edição: Editora, ano da publicação, número de páginas (opcional).

Exemplo:

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: uma introdução ao jogo e suas regras. 18.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. Traduzido por. Raul Fiker. Rio de Janeiro, v. 8 n. 16, 1992, p. 1-14.

SILVA, João da. *Fausto em Copacabana*. Tradução de João Araújo, 2.ed. Porto Alegre: Jameson, 1988, 385p.

Quando uma obra for escrita por Um, dois ou três autores, todos devem ser nomeados e separados por ponto e vírgula.

Exemplo:

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. J. **De Máquinas e Seres Vivos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Quando se tem mais de três autores, para não citar todos, coloca-se o nome do primeiro autor, ponto, a expressão et al (quer dizer: outros) e ponto logo após.

Exemplo:

SALVERO, Marília et al. **Como Ter Nove Filhos e Sobreviver**. 19.ed. Porto Alegre: Global, 2000.

Quando houver um organizador, coordenador, compilador, editor ou algo assemelhado, inicia-se a referência pelo nome do responsável, acrescentando-se, após o seu nome e entre parênteses, a designação correspondente: (org.), (coord.), (comp.), (ed.) etc.

Exemplo:

BARBOSA, Rommel M. (org). **Ambientes Virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 184 p.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. MAGRO, Cristina e PAREDES, Vitros (orgs). Belo Horizonte: UFMG, 2001.

Se o documento não possuir autoria conhecida, a entrada é feita pelo seu título, sendo a primeira palavra escrita em letras maiúsculas.

Exemplo:

OS DESENCONTROS de dois Irmãos de Sangue. Rio de Janeiro: Santana, 1988.

A expressão "In" quando usada, significa que determinado artigo está dentro do livro ou revista citada posteriormente.

Exemplo:

DAL MOLIN, Fábio; FONSECA, Tânia M. Galli. **Autopoiese e Sociedade**: a posição estratégica do desejo na gestão de uma rede social. In: Revista Psico, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 100 – 105, jan./mar. 2008.

MARIOTTI, Humberto. Prefácio. In: MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

PEREIRA, Marcos V. **O Desafio da Tolerância na Cidade Contemporânea.**

In: PORTO, Tânia Maria Esperon (org.). *Redes em Construção: meios de comunicação e práticas educativas*. Araraquara: JM Editora, 2003.

AXT, Margarete. **Comunidades Virtuais de Aprendizagem.** In: Infor-

mática na educação: teoria & prática, *Tecnologia Digital na Educação*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 111 – 116, jan./jun. 2004.

Assim, o artigo de Margarete Axt pode ser encontrado na revista *Informática na educação: teoria & prática*, cuja temática é *Tecnologia Digital na Educação*. Cabe ressaltar que para referências de artigos de revista deve constar o volume (v), o número do fascículo (n) e as páginas (p) em que o artigo pode ser encontrado na referida revista.

Podemos também observar, a partir do exemplo a seguir, a maneira de referenciar trabalhos publicados em eventos (congressos, seminários, palestras ou assemelhados):

VARELLA, Gaetano Correa. **Novas Linguagens do Cotidiano.** In: CONGRESSO ULTRAMARINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 5 (número do evento, se houver), 1999 (ano do evento), Florianópolis (local de realização do evento). *Anais* (Título do documento: anais, atas...). Florianópolis (local de publicação): Sol e Mar (editora ou responsável pela publicação), 1999 (ano da publicação).123-38 (página inicial e página final da parte referenciada).

Então, fica:

VARELLA, Gaetano Correa. **Novas Linguagens do Cotidiano.** In: CONGRESSO ULTRAMARINO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 5, 1999, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Sol e Mar, 1999.123-38.

Na ordenação das obras, quando um autor for indicado mais de uma vez, o nome do autor pode ser substituído por um traço (equivalente a seis espaços), seguido de ponto.

Exemplo:

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. *Cognição*, **Ciência e Vida Cotidiana.** MAGRO, Cristina e PAREDES, Vitros (orgs). Belo Horizonte: UFMG, 2001.

As referências de teses e dissertações seguem o modelo:

CARNEIRO, Mara. **O Acoplamento Tecnológico e a Comunicação em Rede**: inventando outros domínios de aprendizagem. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Informática na Educação), Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, 2003.

Referências a Documentos em Meio Eletrônico – Internet

Para citar páginas da Internet, procure copiar, além do autor e do título, o endereço completo que você está acessando, ou seja, a URL. Não só a página inicial, por exemplo: www.scielo.com.br, mas todo o endereço. O mais fácil é copiar do próprio navegador. O endereço deve aparecer entre <>, precedido da expressão "Disponível em:" e seguido da data em que foi acessado, precedido da expressão "Acesso em:"

Exemplo:

MARTELETO, R. M. **Análise de Redes Sociais**: aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a06v33n3.pdf>> Acesso em: 20 de mar. de 2007.

FRANCO, Marcelo Araújo; CORDEIRO, Luciana Meneghel; CASTILLO, Renata A. Fonseca del. The Virtual Learning Environment and Its Adoption at the University of Campinas - Unicamp. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200011-8&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Fev. 2007.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. Enciclopédia e Dicionário Digital 98. Direção geral de: André Koogam Breikman. São Paulo: Delta, 1998. 5 CD-ROM.

No caso de não aparecer o autor, começa-se pelo nome do site ou artigo:

ECOALFABETIZAÇÃO: criação de uma rede de aprendizagem baseada na comunidade. Rede NCRC. Center for Ecoliteray. Bekerley, Califórnia. Disponível em:<<http://www.ecoar.org.br>> Acesso em: 26 de Mar. de 2007.

BRASIL. **Decreto-lei n. 5.622 de 19 de dezembro de 2005**. Presidência da República. Casa Civil, Brasília. Disponível em <<http://www.uab.mec.gov.br/DecretoEAD.pdf>> Acesso em 27 de jun. de 2007.

As Referências constituem um item importante para o seu trabalho, portanto é sempre aconselhável a consulta detalhada. Você pode acessar o site da ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas) pelo endereço <http://www.abnt.org.br> ou se preferir, através de livros especializados na área.

3.1.11 Anexos

Os anexos constituem-se em um elemento opcional e nada mais são do que comprovações da metodologia aplicada, da coleta de dados. Ou seja, todas as informações que julgamos necessárias para melhor compreensão do projeto. Os anexos, como o nome já diz, é o lugar para se anexar o(s) modelos de instrumentos que utilizamos na pesquisa, como por exemplo: questionário(s), perguntas da entrevista e demais comprovantes que acharmos necessário. Deve ser escrito a palavra "ANEXO" em uma nova folha, seguido pelos anexos selecionados. Conforme já mencionado, como exemplo de Anexo, consta um questionário a ser respondido por cada aluno da disciplina.

Exemplo:

ANEXOS

ANEXO A – Questionário Aplicado aos alunos da disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação/2009II – Curso de Licenciatura em Letras Espanhol/Literaturas – Ead/Regesd.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
LICENCIATURA EM LETRAS ESPANHOL/LITERATURAS – EAD/REGESD

Este questionário tem dois objetivos. O primeiro consiste em servir de modelo para a coleta de dados do projeto de pesquisa dos alunos da disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação/2009II. O segundo objetivo refere-se a sua utilização como instrumento de coleta de dados sobre a própria disciplina.

Visa-se obter subsídios que permitam observar e analisar como ocorreu a adaptação ao ambiente virtual de aprendizagem e se foi possível a constituição de uma comunidade.

Questionário referente ao espaço coordenação/tutoria:

Nome:

Idade:

Profissão:

Empresa (instituição onde atua):

Cidade:

Pólo ao qual encontra-se vinculado(a).....

Este questionário refere-se a disciplina de Instrumentalização para Acesso a Informação – EAD/2009II:

1 – Você já havia tido alguma experiência com Educação a distância?

() Sim () Não

2 – Você já conhecia algum Ambiente Virtual de Aprendizagem?

() Sim () Não

Qual?

.....

3 – Como foi a adaptação (acoplamento) com o ambiente Moodle?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

4 – Quais a(s) ferramenta(s) que você teve mais facilidade para acessar? Por quê?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5 - Quais a(s) ferramenta(s) que você teve menos facilidade para acessar? Por quê?

.....

.....

.....

.....

.....

6 - Quais as ferramentas que você mais utiliza no Moodle? Cite 03 por ordem de acesso.

.....
.....
.....
.....
.....
.....

7 - Que aspecto(s) positivo(s) você destacaria ao trabalhar através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle)?

.....
.....
.....
.....
.....
.....

8 - Qual a maior(es) dificuldade(s) que você encontra ao cursar o Ensino a Distância apoiada por um Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle)?

.....
.....
.....
.....
.....
.....

9 - Como você vê o estabelecimento das relações entre o grupo de alunos, tutoras, professora mediados pelo ambiente virtual? Elas se intensificaram? Elas foram superficiais? Elas foram diferentes? Por favor, justifique!

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Obrigada pela sua colaboração!
Karla Marques da Rocha

ANEXO B – Mensagens Trocadas Entre as Tutoras Referentes ao Período de outubro a dezembro de 2009.

OBSERVAÇÃO: Todos os anexos devem aparecer em folhas separadas.

3.1.12 Capa e Folha de Rosto

Você deve ter percebido que ainda não falamos sobre a Capa e a Folha de Rosto, que na verdade, constituem a apresentação do Projeto de Pesquisa

Capa, ou seja, vem antes do tema.

Segundo Furaste (2007), a capa é um elemento obrigatório que serve para proteção externa do trabalho, portanto, são impressas as informações indispensáveis para a identificação do trabalho. E, devem estar dispostas da seguinte forma:

- a. nome da instituição;
- b. nome do autor;
- c. título do trabalho;
- d. local (cidade onde se entrega o trabalho);
- e. ano da entrega.

Exemplo de uma Capa:

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL CURSO DE ESPANHOL/LITERATURAS EAD (maiúsculo e centralizado)
JOANA DA SILVA (idem)
TÍTULO DO TRABALHO (idem)
Santa Maria – RS 2009 (centralizado)

Folha de Rosto

Assim como a capa, a Folha de Rosto também é um elemento obrigatório e, além de vir depois da capa, deve conter todos os dados necessários para sua identificação, ou seja, alguns dados já mencionados na Capa, acrescido de algumas informações. Então, para Furasté (2007), a Folha de Rosto fica da seguinte maneira:

- a. nome do autor;
- b. título do trabalho;
- c. natureza do trabalho (projeto de pesquisa, trabalho de conclusão, monografia, dissertação, tese), seguido do objetivo do trabalho (requisito parcial para a aprovação na disciplina), nome da instituição a que é submetido o trabalho (Universidade, Centro, Faculdade); e da área de concentração (disciplina);
- d. nome do orientador(es);
- e. local (cidade da Instituição);
- f. ano da entrega, podendo precedido pelo mês.

Exemplo de uma folha de rosto:

<p>JOANA DA SILVA (maiúsculas e centralizado)</p>
<p>TÍTULO DO TRABALHO (idem)</p>
<p>Projeto de Pesquisa como requisito parcial para aprovação na disciplina de..... Universidade Federal de Santa Maria Curso de (espaço simples)</p>
<p>Orientadora:</p>
<p>Santa Maria – RS 2009 (centralizado)</p>

REFERÊNCIAS - SÉTIMA SEMANA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICA. Redação e apresentação de Normas Brasileiras. ABNT, ISSO. Diretiva – Parte 3. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

FURASTÉ. Pedro A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: elaboração e formatação.** 14 ed. Porto Alegre: s.n., 2007.

OITAVA SEMANA DE AULA

Nessa oitava semana e ao mesmo tempo o período estabelecido para a finalização das nossas atividades, você poderá terminar a construção do projeto de pesquisa, na medida em que teremos a possibilidade de desenvolver as seguintes **metas**:

- Conhecer os procedimentos científicos para normatização de um texto;
- Identificar o artigo científico como uma das possibilidades para socializar a pesquisa escolar;
- Compreender as leis sobre direitos autorais, visando à ética na pesquisa.

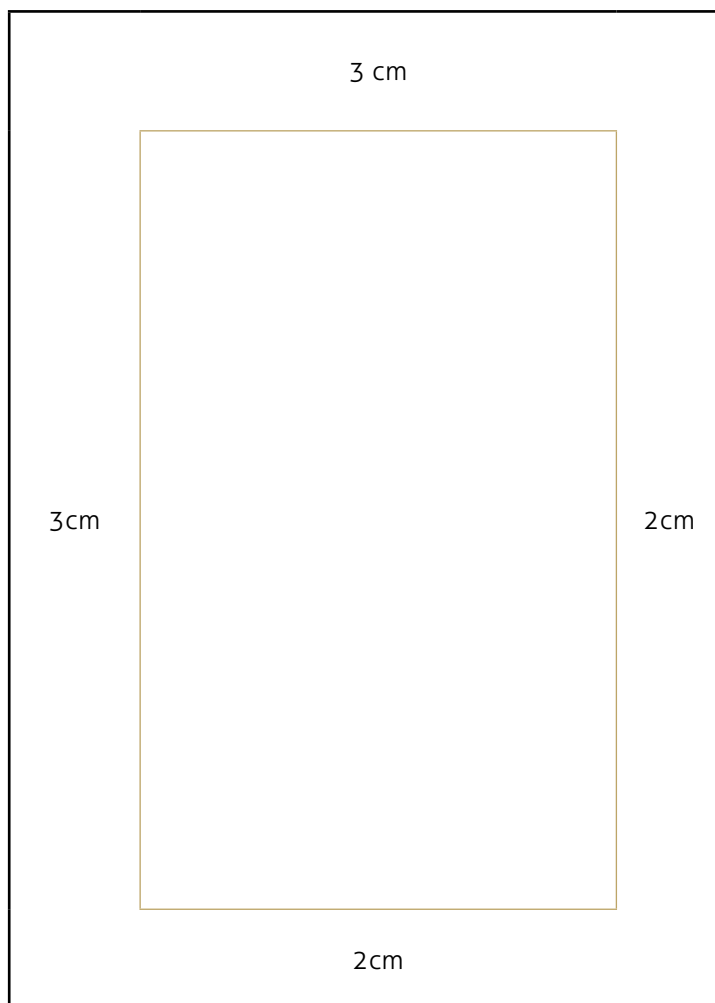
3.2 NORMALIZAÇÃO DO TEXTO E DA PESQUISA

Para Selbach (2005, p.54), “um texto deve ter, antes de tudo, apresentação estética”, que segundo o dicionário Houaiss (2001), significa o estudo das condições e dos efeitos da criação artística. Para isso, os trabalhos científicos devem ser apresentados em papel branco, formato A4 (21,0 cm x 29,7 cm), digitados em uma só face da folha.

As duas fontes mais recomendadas é Arial e Times New Roman, tamanho 12, para o corpo do texto e pitch 10 para citações longas, notas de rodapé, paginação, legenda de ilustrações e das tabelas. Cabe salientar que após a opção por uma das fontes, deve-se usar a mesma até o final. O espaçamento deve ser 1,5 cm entre as linhas, com exceção: citações longas, notas, referências, e os resumos, que devem ser com espaço simples.

Conforme a ABNT, as margens para todas as folhas dos diversos tipos de trabalhos científicos devem ser:

- a. margem esquerda: 3cm
- b. margem direita: 2cm
- c. margem superior: 3cm
- d. margem inferior: 2cm



Títulos:

Na estruturação do texto final, é importante a definição dos títulos e subtítulos, de forma que os assuntos ali abordados sejam identificados no início da leitura. Os títulos e subtítulos devem informar a natureza do conteúdo focado de forma sintética e quando recebem indicativos numéricos devem ficar alinhados à esquerda, com o numeral separado por um único espaço. Os mesmos devem ser separados do texto que vem em seguida por uma linha em branco, ou seja, dois espaços.

Paginação

Todos os trabalhos científicos devem ter suas páginas numeradas, sequencialmente, no canto superior direito, em algarismos arábicos inteiros, a partir da primeira página da parte textual. Segundo Furasté (2007), todas as páginas do trabalho devem ser contadas. Inicia-se a contagem pela folha de rosto, porém a numeração só passa a ser escrita a partir da primeira página da parte textual (que corresponde a introdução do trabalho), em algarismos arábicos.

3.3 SOCIALIZAÇÃO DA PESQUISA ESCOLAR

Uma das maneiras de socializar a pesquisa escolar é através de um artigo científico, que de acordo com a ABNT apud Furasté (2007), é a parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento.

É um dos meios de comunicação de conhecimento gerado na atividade de pesquisa mais utilizado atualmente. Em geral, estende-se por dez páginas, incluindo referências a outros “*papers*” (artigos) e/ou livros relevantes para a discussão do tópico em questão. Basicamente o objetivo de um artigo é apresentar e discutir fatos referentes a um projeto de pesquisa, sobre um problema específico dentro de uma área do conhecimento específico. Nesta unidade, nosso propósito não é abordar as etapas para a elaboração de um artigo científico, é apenas mostrar a possibilidade de sua utilização como meio de socialização da informação. Sendo assim, de acordo com Gil (2002), destaca-se alguns itens relevantes para sua construção:

- a. selecionar as referências bibliográficas relevantes ao assunto;
- b. refletir sobre estudos anteriores na área;
- c. delimitar um problema ainda não totalmente estudado na área;
- d. elaborar uma abordagem para o exame desse problema;
- e. delimitar e analisar um tema representativo do universo sobre o qual se quer alcançar generalizações;
- f. apresentar e discutir os resultados da análise sobre um tema;
- g. finalmente, concluir, elaborar generalizações a partir desses resultados, conectando-as aos estudos prévios dentro da área de conhecimento enfocada.

Como podemos observar, o artigo científico por ser um trabalho acadêmico que apresenta resultados sucintos de pesquisa realizada de acordo com uma metodologia adequada, constitui-se em uma possibilidade para a socialização da pesquisa escolar.

3.4 A PESQUISA ESCOLAR E OS DIREITOS AUTORAIS: ÉTICA NA PESQUISA; CÓPIAS E DIREITOS AUTORAIS

3.4.1 Direitos autorais

O direito autoral trata de aspectos não materiais, cuja principal característica é a propriedade intelectual, como: produções artísticas, culturais, científicas e etc. Ele se caracteriza por dois aspectos principais: o moral e o patrimonial (LESSIG, 2009). O aspecto moral garante ao criador o direito de ter seu nome impresso na divulgação de sua obra e o respeito à integridade da mesma. Este aspecto garante ao criador os direitos de modificar sua obra ou mesmo, de impedir sua circulação. O aspecto patrimonial regula as relações jurídicas da utilização econômica das obras intelectuais.

Quem é considerado autor?

O autor é toda pessoa física ou jurídica responsável pela criação de uma obra literária, artística ou científica, podendo ser identificado por seu nome completo ou abreviado, iniciais, apelidos, etc.

Segundo Lessig (2009) a pessoa que adapta, traduz ou arranja uma obra de domínio público é considerada também como autor, mas não pode opor-se a que seja feita outra adaptação da mesma, desde que não seja cópia da sua. Os direitos morais e patrimoniais sobre a obra pertencem a seu autor e são eles:

Direitos morais: O autor pode, a qualquer momento, reivindicar a autoria da obra; ter seu nome ou apelido indicando sua autoria, na utilização da obra. Tem o direito também de assegurar a integridade da obra, opondo-se a quaisquer modificações que possam prejudicá-la ou atingi-lo como autor, em sua reputação ou honra. O autor pode ainda modificar a obra, antes ou depois de utilizada, podendo também retirá-la de circulação ou suspender qualquer forma de utilização já autorizada, caso a circulação ou utilização afrontem sua reputação.

Direitos patrimoniais: Cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar e dispor da obra literária, artística ou científica. Nenhuma reprodução pode ser feita, nem integral nem parcial, sem a autorização prévia e expressa do autor.

3.4.2 Ética na utilização da informação

Toda informação encontrada na internet tem um autor. Esta informação pode ser reproduzida, utilizada, citada ou distribuída? Supondo que se esteja procurando uma determinada informação na internet, algumas páginas são encontradas, seleciona-se uma ou mais páginas cujos autores são conhecidos e cujo meio de divulgação seja reconhecido. Como é possível utilizar a informação obtida? Toda informação que se julgar interessante, pode ser utilizada

na composição de uma nova obra, desde que exposta com as palavras do autor da nova obra, pois a informação não é protegida, mas a expressão da mesma. Além disso, é fundamental que se explicita onde a informação foi adquirida (fonte) e qual é a sua autoria (ABRÃO, 2002). Caso se deseje utilizar um trecho com as mesmas palavras que o autor utilizou em sua obra, utiliza-se o formato de citação. Uma citação, por normalmente vir entre aspas, deixa claro que o texto foi transcrito, garantindo os direitos ao seu autor original. Além disso, deve-se deixar claro de que obra foi transcrito o trecho e qual o autor do mesmo.

Segundo o mesmo autor, para que se utilize uma ilustração de uma determinada obra em uma nova, é fundamental que se mantenha os créditos ao autor da mesma e que se explicita de onde ela foi extraída. Porém, para que possa ser utilizada, a mesma pode constar apenas em um material de cunho não comercial, cuja finalidade seja didática, educacional e sem fins lucrativos. Caso haja alguma intenção comercial, é necessária a expressa autorização do autor da ilustração.

A distribuição de qualquer material só pode ser feita com autorização prévia do seu autor. Por exemplo, você entra em uma revista e compra um artigo. Você pode distribuir este artigo, incluindo-o em seu site para que qualquer pessoa possa acessá-lo? A resposta é não. A compra do artigo lhe dá o direito de acessá-lo, ler seu conteúdo. Porém, a disponibilização do mesmo em seu site permite que outras pessoas possam copiá-lo, o que significa reproduzi-lo e só quem pode fazê-lo é o autor ou quem por este foi autorizado (LESSIG, 2009).

Cabe salientar, que neste material sobre direitos autorais e ética não foram abordados os aspectos comerciais da Lei de direitos autorais, porém estes e outros temas referentes à direitos autorais podem ser encontrados no site do Ministério de Ciência e Tecnologia - Lei nº 9.610, de 19.02.98, disponível em <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/servic/serdirau.htm>>.

ALGUMAS REFLEXÕES:

Com o rápido crescimento das diferentes áreas do conhecimento e a inserção das Tecnologias da Informação e da Comunicação em todos os setores, tornou-se quase impossível dar continuidade ao ensino tradicional. Assim, a Educação vem acompanhando essas mudanças e auxiliando o despertar do interesse dos indivíduos pela busca de diferentes maneiras para resolver os problemas que surgem na sociedade, especialmente no contexto escolar.

É nesse nicho de mudanças que emerge a necessidade do ensino da Instrumentalização para Acesso a Informação, enquanto disciplina responsável por despertar, no aluno, a vontade de aprender a encontrar a resposta para um problema, seja no grupo ao qual estamos inseridos, ou na cultura sistematizada.

Essa construção do conhecimento a que a pesquisa se propõe é estruturada a partir da mudança de atitude do próprio pesquisador, nesse caso, o aluno, que aprende a aprender, a selecionar, registrar, analisar, interpretar as informações, experimentando, desta forma, a melhor maneira de ser Ser Humano.

Então, ao longo da nossa disciplina percebemos a necessidade e a importância de conhecer os caminhos da investigação científica para a descoberta da realidade, em que a pesquisa, como processo formal e sistemático, perpassa por todos os níveis de ensino, desde o básico até as Instituições de Ensino Superior, o que reafirma sua importância na prática escolar.

Sendo assim, retomando as idéias iniciais de Nietzsche (2003), a alma do pesquisador assemelha-se à do desbravador, do experimentador, em que nós pesquisadores, como todos os conquistadores, todos os navegadores, todos os aventureiros, somos de uma moralidade audaciosa e devemos estar preparados para passar, no fim de tudo, por curiosos.

REFERÊNCIAS - OITAVA SEMANA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICA. Redação e apresentação de Normas Brasileiras. ABNT, ISSO. Diretiva – Parte 3. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ABRÃO, Eliane Y. **Direitos de Autor e Direitos Conexos.** São Paulo: Ed. do Brasil, 2002.

FURASTÉ, Pedro A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: elaboração e formatação.** 14 ed. Porto Alegre: s.n., 2007.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LESSIG, Lawrence. **“Cultura Livre”.** Ed. Trama Universitário. Traduzido por Fábio Emilio Costa. Disponível em: <<http://www.culturalivre.org.br/materiais/culturalivre.pdf>> Acesso em 05 de ago de 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecco Homo: de como a gente se torna o que a gente é.** Porto Alegre: L&PM, 2003

SELBACH, Jeferson. **Pesquisa sem Frescura.** Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2005.